

Maré Viva

Director Interino: NUNO BARBOSA

SEMANÁRIO

ANO VI N.º 334 — PREÇO 12\$50 — 7/4/83

APESAR DE TUDO...

Prostituição continua em Espinho

— PÁGINA 5

O "Maré Viva" e as Eleições

Em face da campanha eleitoral iniciada na passada segunda-feira e com vista à necessidade de estabelecer critérios acerca da forma como essa campanha será coberta pelo nosso jornal, a redacção do «Maré Viva» decidiu não efectuar a publicação de materiais eleitorais de nenhum partido ou coligação concorrente ao acto eleitoral do próximo dia 25 de Abril.

Esta decisão tem mormente em conta o facto de o âmbito nacional destas eleições legislativas retirar algum interesse à publicação de manifestos eleitorais por um semanário regional, quando este tipo de cobertura será concertada efectuado pelos grandes diários nacionais.

Assim, o «Maré Viva» efectuará a cobertura local dos acontecimentos do período eleitoral, isto é, noticiará e reportará as realizações mais significativas da responsabilidade dos diversos partidos no âmbito desta campanha, nomeadamente as visitas dos principais «leaders» à nossa cidade.

ERA PRIMEIRO
DE ABRIL...

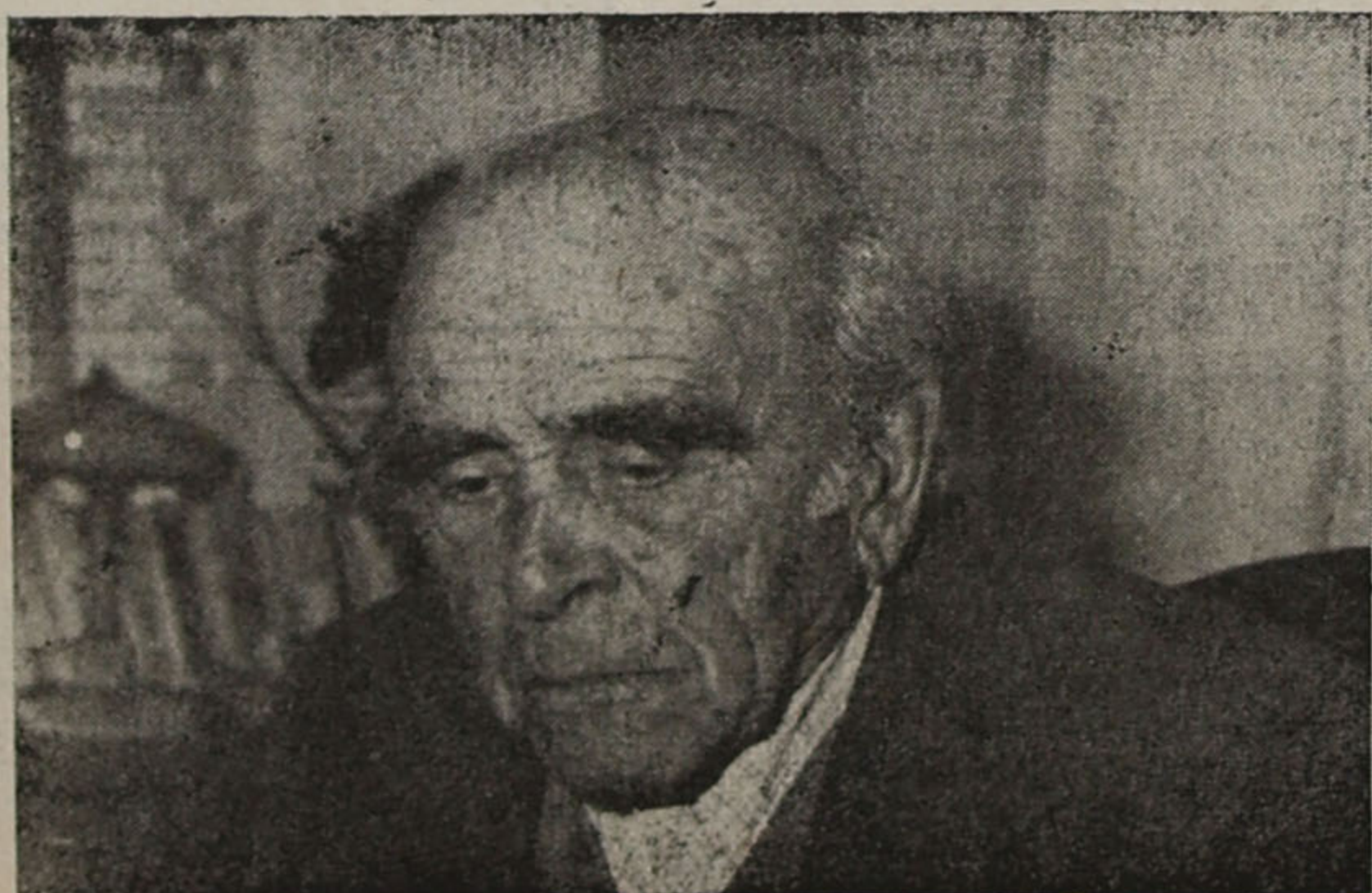
O S. Pedro não foi abaixo!

— PÁGINA 5

NESTE NÚMERO

SUPLEMENTO DESPORTIVO

- Entrevista com CAROLINO
- JORGE MONTEIRO fala sobre
o momento actual da A. A. E.
- Ouvimos FRANCISCO CAMACHO,
reforço brasileiro para o voleibol espinhense



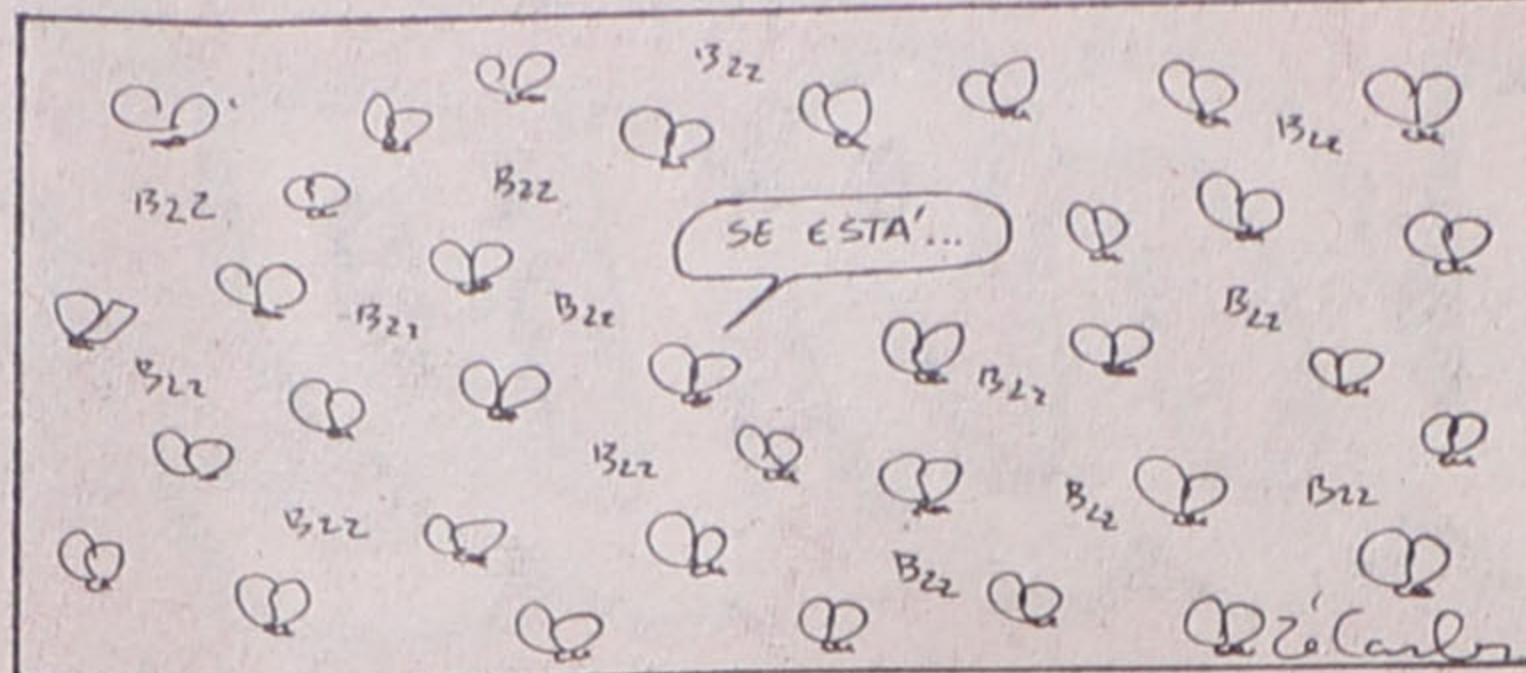
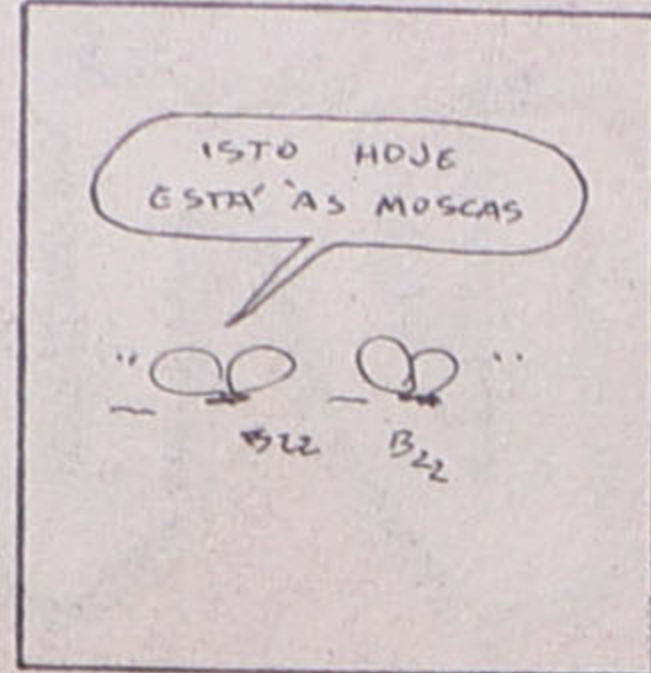
PROF. DOMINGUES ao "Maré Viva":

«NOVENTA ANOS NÃO FAZ TODA A GENTE»

— ÚLTIMA PÁGINA

BANDA DESENHADA

Colaboração do
Atelier de Animação da Nascente



FONSECA

TECIDOS MODAS

Rua 19 n.º 275 - Tel. 720413
ESPINHO

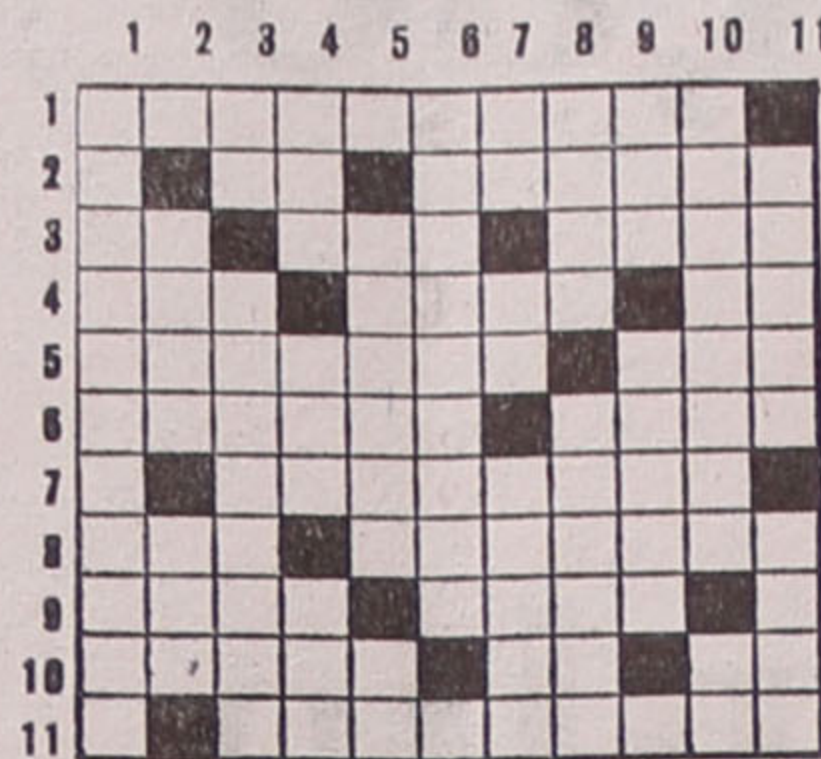
TUCÁTULÁ

Com que então você também foi daqueles que na passada 6.ª feira, dia 1 de Abril, «estacionou» perto do Teatro S. Pedro, à espera de ver o helicóptero dar cabo do velho edifício... Deixe lá que não foi o único, como poderá ter constatado «in loco»... Foi a nossa habitual «pêta» do primeiro de Abril. Supomos que teve a sua piada, e não ofendeu ninguém! E como o que lá vai, lá vai passemos a este número do «Maré Viva», do qual, naturalmente, destacamos o Suplemento Desportivo. E dele, o destaque vai para uma momentosa entrevista com o novo Presidente da Direcção da Académica de Espinho, Eng.º Jorge Monteiro, outra entrevista, em cima da hora, com Carolino, o

«mister» do atribulado futebol espinhense, e ainda para uma evocação histórica dos campos em que o SCE já jogou, desde 1914. Como vê, muita coisa para ler, em termos desportivos...
Fora o Suplemento Desportivo, aconselhamos-lhe que leia a entrevista com o Prof. Domingues, que recentemente completou a bonita idade de 90 anos. Mais uma vez (e acredite que nos é extremamente grato registar este facto) temos a participação do leitor. Parece que a inibição, talvez natural, vai desaparecendo, e ainda bem!
E quanto a destaques, estamos conversados. Mais um número do «Maré Viva» aí está, nas suas mãos. Esperemos que goste.



N.º 12



HORIZONTAIS

1 — Deus me livre! 2 — Anónimo mesmo; daqui vem dornês. 3 — Os egípcios adoravam-no; este mata que se

farta; percorri com a vista. 4 — A Joana daqui ficou célebre na história; pobre de quem não a tem nem à beira; no meio das chuvas. 5 — Ajuda muito o chefe político; Banco Latino-Americano. 6 — Mulher assim não faz marido feliz; força, leitor, vamos; 7 — O Salazar não gostava deles. 8 — Antigamente eram assim os actuais TLP; você não sabe, mas fica a saber, que estes são flautas populares. 9 — A Gabriela era assim; este e alto é mesmo a esmo. 10 — Que caretal; assim começa a tabuada; você pode dizê-lo quando lhe pisam um calo. 11 — É uma linda pedra ornamental.

VERTICAIS

1 — Neste o Paulo de Carvalho dizia que os semáforos eram chupa-chupas. 2 — Aqui é preciso navegar; parece que este ano não o há para o Benfica. 3 — Rodoviária Nacional; refere-se à catacumba. 4 — Os filmes de língua inglesa acabam assim; se fôsse bela era videira; é meio atleta. 5 — É o que faz o ateu em relação a qualquer religião; são as pares do foliar. 6 — Este

esteve na origem do assassinato do D. Carlos I. 7 — É uma letra grega; há quem aprecie a coxa desta; esta não nasceu. 8 — Mal vai de quem está neste estado; com que então lisonjeias? 9 — Não o faça àquele de quem precisa; é uma coligação. 10 — É assim que a senhora traz o cabelo depois da «mise»; esta cidade bíblica, em barbas nestes problemas. 11 — As más companhias fazem-no até aos mais puros; esta armadura ia da cintura aos joelhos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11

HORIZONTAIS — 1 — Proletários. 2 — Era, Irun. 3 — Vadiagem, ML. 4 — Ite, ura, zoa. 5 — Oe, etéreo. 6 — Prosadora. 7 — Ecoar, Sá, er. 8 — Néscio, zoli. 9 — Teça, bis. 10 — In, asilaram. 11 — Anis, vida.

VERTICAIS — 1 — Violência. 2 — Reate, ce, NN. 3 — Orde, Post. 4 — Lai, eráceas. 5 — Autorias. 6 — Tigres, oçiv. 7 — Arearas, ali. 8 — Rum, edaz, A.D. 9 — In, zoo, obra. 10 — Mó, relia. 11 — Solitários.

T. S. F.

Para os menos enfronhados ou «antiquados» nestas coisas de iniciais, TSF significa «Telefonia sem fios», igual a «Rádios»; Pois é justamente sobre Rádio, ou melhor, sobre alguns programas da Rádio que por cá se faz, que nos propomos ocupar um pequeno espaço, irregularmente, neste jornal.

Começamos por falar de um programa que vai para o ar, de 2.ª a 6.ª feira, da uma às duas horas da manhã, na Rádio Comercial. Chama-se «O Passageiro da Noite» e é apresentado por Cândido Mota. Dele, Cândido Mota, há apenas a dizer que foi durante muitos anos o apresentador do «Em Órbita» e que é natural de Espinho. Quanto ao «Passageiro da Noite», digamos que é uma espécie de ovo de Colombo! Trata-se de uma solução muito simples — pôr ou ouvintes a falar, via telefone e em directo, falando sobre aquilo que

lhes der na realíssima gana: problemas pessoais, casos de âmbito nacional, regional ou local, ou, muito simplesmente e em certos casos, ter alguém com quem falar (o que é trágico!). O mais espantoso é que tão simples ideia... resulta! E de que maneira... Se quiser falar para lá, tente. Só não lhe garantimos ligação. Ouça o programa. Vale a pena. É quase, quase, o espelho deste Portugal onde vivemos.

Pinto de Matos

MÉDICO ESPECIALISTA
Doenças dos Ossos — Articulações
2.ª FEIRAS:
Consultas para Crianças
4.ª E 6.ª FEIRAS:
Consultas para Adultos
Rua 19 n.º 364 - 1.º — Telef. 721218
ESPINHO

LEI Agência

Contribuintes — Contabilidade — Documentação Auto
Traduções — Seguros em todos os ramos

Chousa de Cima - FIÀES — Telef. 7643980

Igreja - SANGUEDO — Telef. 7641243

Rua 24 n.º 751 — Telef. 720431 — 4500 ESPINHO

RASCUNHOS

Qualquer clube que se preza, desde o do quarteirão ao de grande projecção, tem como ponto de honra possuir um autêntico museu que vai da prateleira pequena à palaciana sala de troféus. Ali se exibem todos os troféus conquistados na actividade desportiva, taças do mais variado tamanho e valor material, objectos de arte, galhardetes a comprovar uma convivência com colectividades semelhantes. Os velhos Nicolau e Trindade fotografavam-se com todas as medalhas ganhas à força de pedalada e nunca mais me esquece a impressão que me dava ver-lhes as efígies decoradas do pescoço à cintura com aqueles metais reluzentes e as fitinhas multicoloridas.

A minha Académica (a cá do burgo) tem também uma sala com estantes hoje cheias de troféus os mais variados, a comprovar um labor quase meio centenário. Há lá troféus de todo o feitio e bojo, até um de cortiça, mas talvez o seu mais legítimo orgulho tenha que colocar-se num com pouco mais de dez centímetros de altura, dois terços dos quais formados pela peanha de madeira. E porquê este meu destaque principal? É que se trata da primeira taça que a Académica conquistou, graças ao saudoso Beto Vita que venceu um torneio de ping-pong (qual ténis de mesa, qual cabaça) salvo erro nos Bombeiros

Voluntários de Espinho.

Vem isto a propósito de uma das saborosas histórias do clube passada lá para fins dos anos quarenta. Dentro das poucas possibilidades do clube, por alturas do aniversário da sua fundação, foi elaborado um programa de comemorações, quase todo, se não exclusivamente, constituído por encontros entre as equipas da casa e convidados cuidadosamente escolhidos. Os dinheiros não eram muitos, a montra dos troféus era pobrezinha. Chamados à Direcção os responsáveis pelas secções, ficou estabelecido que cada uma delas convidaria para um encontro amistoso um clube que, além da garantia de nos trazer um galhardete, oferecesse perspectivas bastantes de que o troféu (pago pelos nossos de pauperados cofres portáteis) ficasse na casa pela vitória mais que provável da nossa equipa.

A Académica tinha então uma secção de basquetebol. Mas esta modalidade (que estranhamente nunca «pegou» em Espinho) era das que menos motivos de festejar triunfos nos dava. Dia em que os académicos fizessem quinze pontos já era dia feriado, com hino, hastear da bandeira, etc. Por isso houve um crivo muito apertado na escolha do adversário a convidar. Lá veio uma equipa teoricamente ao nosso alcance. O pior é que a Académica perdeu.

E, como o visitante, além de ganhar o jogo, não trouxe o galhardete a que se havia comprometido, o nosso Chefe de Secção decidiu que não entregava a taça posta em disputa. Então tinha algum jeito aqueles gajos não trazerem o galhardete, preguem a partida de vencer o jogo e ainda por cima levar a taça? E o levas!

E foi um suor danado para o convencer que a taça tinha que ir mesmo!!!

Carlos P. Morais

Moreira da Costa

CIRURGIA GERAL
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520-1.º
Telefone 721014
ESPINHO

Talho e Charcutaria CENTRAL

Joaquim F. Nogueira da Fonseca
(RAIMUNDO)

BOAS CARNES — SERVIR BEM
Rua 15 n.º 268 — ESPINHO
Tel. 721929

maré viva

SEMANÁRIO

Director Interino: NUNO BARBOSA

CHEFE DE REDACÇÃO — Jorge Lopo
REDACTORES — António Afonso, João Barrosa, Manuel Fonseca e A. Moreira da Costa
REPORTAGEM FOTOGRAFICA — Joaquim Santos, Joaquim Peito e Idalina Pedrosa
COLABORADORES — Carlos P. Morais, Carlos Rosas, Fernando Tomás, Luís Costa e Victor Sousa
PAGINAÇÃO — Augusto Mota, João Barrosa e Manuel Fonseca
CORRESPONDENTES — Antero Monteiro (S. P. de Oleiros), Antenor Pereira (Silvalde), António Pinto (Moselos), Henrique Ribeiro (Fiães), Joaquim Devesas (S. F. da Marinha) e Manuel Santos (Guetim)
Propriedade da Nascente — Coop. de Acção Cultural — Redacção: Rua 62. 251 - Telef. 721621
Composição e impressão: Tipografia Meneses — Cooperativa Gráfica de Espinho, S. C. R. L.
Rua 14 n.º 903 — Telef. 721016 Tiragem deste número: 2000 ex.

Depósito Legal 2048/83

CLINICA GERAL

J. Pinheiro de Moraes

RUA 20 N.º 300
TELEF. 720452

NO DISPENSÁRIO

Não se justifica a existência de Raios-X...

Concerteza já passou por perto de um desabafo destes: «Preciso de tirar uma micro-radiografia e tenho que ir a Gaia ou ao Porto de propósito porque em Espinho não há. Que seca!» Não? Nós já, e por isso fomos até ao dispensário de Espinho, procurar saber por que lá não havia uma máquina de Raio-X.

Segundo as palavras de uma funcionária, tal não se justificaria. E porquê? «Porque geralmente marcamos um dia aos nossos doentes, para tirar a mi-

cro, quando eles precisam. E nesse dia vem um carro do Porto, e tiram-se largas dezenas delas». Para além disso, você, que vai a Gaia ou ao Porto, se souber o dia em que cá está o carro também a poderá tirar. Mas, há casos diferentes, em que não são só os doentes do dispensário que necessitam da micro-radiografia.

«Sim, de facto. Por vezes alguma escola ou até o centro de Medicina Desportiva dizem-nos que necessitam de tantas

chapas e nós mandamos vir um carro. Ainda não há muito tempo veio um carro de Coimbra para servir os alunos da Escola Secundária», diz-nos ainda a mesma funcionária.

Fora de todos estes casos pontuais, a afluência é mínima. E, tendo o dispensário de Espinho o problema resolvido através dos carros móveis, não se justificará trazer para a cidade uma máquina de Raio-X, com todos os encargos que daí advêm.

A. G. da Misericórdia de Espinho aprovou relatório e contas de 82

Realizou-se na passada semana a Assembleia Geral da Misericórdia de Espinho, no decorrer da qual foi aprovado o Relatório e Contas referentes ao ano transacto.

Através da leitura do citado documento, depreende-se que a maior preocupação da Misericórdia espinhense é, sem sombra de dúvidas, a conclusão do Lar para a 3.ª Idade, em Pedregais, empreendimento que, indubitavelmente, reveste da maior importância para a Cidade.

Concluída a 1.ª fase da cons-

trução do edifício, e que custou mais de vinte mil contos, iniciar-se-á no próximo dia 15 a 2.ª fase, orçada em cerca de sessenta mil contos. Daí que a Misericórdia, face a tão avultados encargos, bem precise do auxílio de todos.

Ainda no decorrer da mesma Assembleia, foi referido o facto de no ano passado se terem inscrito mais 873 Irmãos, o que permitirá que a receita de quotização passe de cerca de duzentos contos anuais para mais de novecentos. A concluir, a A.G. da Misericórdia espinhense

se aprovou a passagem a Irmão Benemérito do industrial Manuel Violas, a passagem a Irmãos Benfeitores da Secção Feminina da Conferência de S. Vicente de Paulo, de José Pinto Resende e de Maria Augusta Silveira. Foi ainda decidido exprimir à Comissão Instaladora do Centro Regional de Segurança Social de Aveiro e à Administração da Solverde o «profundo agradecimento da Misericórdia por todas as atenções que têm dispensado à Mesa Administrativa.»

Escola Dr. Manuel Laranjeira vai à "17.ª"

Lembrando que houve tempos em que marcámos profundamente os destinos do Mundo inteiro, aproveitamos a oportunidade de falar na XVII Exposição Europeia sobre «Os Descobrimientos Portugueses e a Europa do Renascimento» que, este ano, elevará Lisboa à escala internacional, e onde estará presente um grupo de alunos da Escola Manuel Laranjeira.

Foram pois 50 contos subsidiados pela Câmara Municipal mais uns outros tantos vindos do Ministério da Educação que proporcionaram a ida de cerca de 200 alunos da Escola Se-

cundária Dr. Manuel Laranjeira (da área de História) à referida exposição.

O «Passeio» durará 2 dias, com dormidas no INATEL e serão visitados locais como a Torre de Belém, Mosteiro dos Jerónimos e vários outros locais onde decorrerão as diversas exposições. Exposições estas que contarão também com espectáculos musicais e teatrais renascentistas.

Em conversa com um dos 20 professores que acompanharão esta equipe foi-nos dito que «talvez as viagens até Lisboa

fiquem mais baratas do que um passeio ida e volta ao Porto, isto porque foi realmente boa a verba que nos concederem...». Só é pena que de 2000 alunos existentes neste estabelecimento de ensino, apenas 200 tenham acesso a iniciativas deste género.

De qualquer forma, pela extrema importância e grande valor cultural que cobre o acontecimento, é de salientar a iniciativa, esforço e empenhamento dos professores que também tornaram possível esta visita de estudo.

Nos registos da Polícia

Em termos do que temos para contar, no que diz respeito a casos que envolvem a actividade da Polícia podemos desde já dizer, e segundo dados que nos forneceram, que esta semana não foi muito frutuosa, pelos menos em termos de quantidade. Duas hipóteses se podem pôr: os delinquentes não «andam» nos seus «dias» ou receiam a actividade da Polícia ou por outro lado, os agentes de Segurança não foram particularmente felizes no seu trabalho. São meras conjecturas porque não temos dados que nos permitam afirmar uma coisa ou outra. Mas vamos ao que aconteceu no concreto.

Vamos então ao caso de maior impacto que se registou não só esta semana como mesmo de há uns tempos para cá. Foi no dia 28 e a acção desenrolou-se no anexo de uma residência, situada na rua 16. A hora marcada era

as 17 h. Como foi? Seguindo o bom exemplo das séries americanas, assiste-se a uma perseguição num terreno situado nas ruas 26, 28, 27 e 31, em que o perseguido empunha uma pistola contra o agente perseguidor. Acaba por ser capturado no anexo a que já fizemos referência. Trata-se de Fernando Pereira Coelho de 29 anos e residente em Canidelo, Gaia. É co-autor do roubo de 39 veículos, desaparecidos na cidade de Espinho, Porto e arredores. Actuava em várias frentes. Também é acusado do roubo de muitos objectos «tirados» do interior dos carros roubados, assim como dinheiro e uma pistola (a que usou contra o agente). O seu companheiro de «serviço», que só viria a ser capturado na praia da Aguda, era Victor Manuel Vieira Rodrigues de 18 anos e também residente em Canidelo.

Rancho d'Espinho Viva comemora

«Abril em Espinho»

Será já no próximo Domingo, dia 10 de Abril, que o Rancho D'Espinho Viva iniciará a comemoração do Abril em Espinho, a exemplo do que fez no ano anterior. Assim o programa compreende, no domingo, um desfile do Rancho, pelas 14 horas, que percorrerá as principais artérias da cidade. No percurso do cortejo estão incluídas saudações ao Rancho Juvenil de Espinho e ao Orfeão de Espinho, concluindo-se o percurso com um espectáculo público no Rio Largo pelas 17,30 a cargo do Rancho D'Espinho Viva.

A terminar as comemorações terá lugar uma festa no Salão da Piscina Municipal, que contará com a participação de elementos familiares e associados do referido Rancho. Isto no dia 16 deste mês.



R E T R A T O

Quase em frente ao Café «Avenida», meio-sufocado pela poeira das obras que se desenvolvem em frente, teimosamente resistem à voragem dos tempos dois pequenos pavilhões de vendas. De um modo geral, estão abertos no Verão, vendem chocolates e outras gulodices e é possível fazer lá um «furo», de vez em quando. No entanto, se se reparar melhor verifica-se que num deles, mesmo no Inverno, se encontra um homem, discreto, de poucas falas e que parece estar deliciosamente alheado de tudo o que se passa à sua volta.

Natural de Espinho, Fernando Pinto de Almeida explora aquele pavilhão de vendas. Iniciou-se no antigo quiosque Reis, há 15 anos, e mais recentemente mudou para ali. «Comecei a minha vida a trabalhar consertando rádios, mas, como não conseguia prosperar no negócio devido à minha ingenuidade comercial, tive de deixar a arte. Após a morte da minha Mãe, ignorado e desprezado pela minha família, dediquei-me a vender livros na Avenida 2».

Com arreigados hábitos de leitura, foi vender os objectos do seu lazer e prazer. No início eram apenas três os vendedores na Avenida 2. Após trinta anos de trabalho a consertar rádios, teve que concorrer para os pavilhões de venda da Avenida 8.

O que faz com o produto do seu trabalho? «Para além

de não ganhar muito dinheiro, emprego-o para pagar a renda de casa, para a minha alimentação e o resto é para as crianças. Adoro crianças. Tenho em minha casa um casal, que tem um par de filhos. Gosto daquelas crianças como se fossem meus netos.»

Durante muito tempo na Avenida 8 havia aquilo a que se chamava a «Rádio Pirata». O som provinha de uma telefonia colocada na banca do seu pavilhão. A concorrência com a Cabine Sonora era evidente... A explicação, muito simples: não gostava da música emitida pela Cabine, que para si era demasiado «moderna». Não se incomodava minimamente com os profestos de quem quer que fosse e não obrigava ninguém a ouvir o seu rádio. Apenas não gostava da programação da Cabine...

Queixoso dos assaltos que por aí andam, das empregadas que já teve e não quer voltar a ter, «da malandragem que para aí anda e à qual é preciso pôr cobro».

Admitindo ter «alguns dinheiros no banco» ele vai continuando a abrir o seu pavilhão, no Inverno nem sempre, no Verão todos os dias. Aquilo, para ele, mais que o ganha pão, é uma obrigação, um dever cívico, pois aquela é a sua forma de ser útil aos seus concidadãos. O dinheiro, esse, é para as suas queridas crianças...

FEIRA SEMANAL

Onde também se convive

A Feira Semanal, é sem dúvida, o acontecimento comercial mais importante da cidade. Mas, apesar de todo aquele vaivém de pessoas na procura de «algo mais em conta», ela pode ser mais alguma coisa. E é concerteza. Para além de tudo que lhe dá a sua grandeza, o comércio, ela é também local de convívio.

Diversas poderão ser as razões que levam algumas (largas) dezenas de pessoas, homens na sua maioria de meia idade, a juntarem-se nas imediações do local onde se vende a fruta e os legumes. De muita coisa se fala, enquanto uns, possivelmente a maior parte, espera que as suas mulheres façam as compras semanais. Os

preços das coisas, os negócios, o trabalho agrícola e, porque não, a maneira como cada um vê a situação do país.

Uma reunião de rua, feita semana após semana, que possibilita o convívio entre amigos que só se encontram naquele dia. Amigos ocasionais, feitos ali mesmo. Poderá ser o «Silva» de Grijó ou o «Santos» de Silvalde, não interessa. Mas que dá uma certa satisfação reencontrar naquele dia e conversar enquanto o tempo passa.

E um certo gozo, também, lembrar aqui. Um apontamento a lembrar que a espontaneidade ainda não desapareceu deste povo de «brandos costumes».

"OS TRABALHOS E OS DIAS"

**60 ANOS
NA
FEIRA**



A nossa admiração é grande quando olhamos e vemos as dimensões que a feira de Espinho atinge nos nossos dias. A larga extensão de terreno que ocupa, a grande variedade de produtos que aí se vende, desde o simples objecto ao mais sofisticado pronto a vestir, enfim, as voltas que temos que dar para não ver tudo. Há, no entanto, quem nos diga: «o que foi em tempos e o que é hoje a feira, poucos fazem a mínima ideia. Só quem a viu e a acompanhou ao longo destes muitos anos é que sabe.»

É mais ou menos este o pontapé de saída para a entrevista que fizemos e que deveria ter como sujeito alguém que conhecesse a feira de há muitos anos. Amélia de Castro tem 74 anos e começou aos 14 a vender. 60 anos na feira à procura da vida. Boa disposição que não consegue disfarçar um certo cansaço de tantos anos entre a feira e o mercado municipal a vender a sua sobrevivência.

— Naquele tempo vendia-se muito pouco. Quase não valia a pena. A ex-

cepção era o mês de Julho, quando vinham por aí muitos espanhóis para nos «salvar» o negócio. Havia a festa de Santiago na Rua 19 que atraía muita gente e as touradas. As touradas naquele tempo eram um luxo.

E a feira, como era?

— Era uma feira pequena, meia dúzia de lavadeiras e pouco mais. Quase tudo gente de Espinho e uma ou outra dos arredores. Não é como agora que poucos da terra cá estão. A maior parte vem de Lourosa e da Vila da Feira, outros de mais longe ainda. Nessa altura o que vendíamos eram produtos caseiros, umas coisitas que iam plantando. Hoje está tudo cheio de camionetas por aí.

Há quanto tempo andam por aí os carros?

— Por volta de uns trinta anos. Quem começou por mandar vir coisas de fora, foram as minhas irmãs Luisa e São. Agora a minha filha, que é quem toma conta disto, também compra aos carros e vai de vez em quando ao Porto.

Quais as dimensões da feira nesse tempo?

— Só o espaço da fruta e pouco mais. No peixe vendiam-se os porcos que vinham de fora. Houve também gado por aí mas não resultou. Só cá estiveram uma semana e nunca mais apareceram. Eram lavradores de Grijó e dos Carvalhos.

E os preços como eram?

— Olhe, vendi galinhas a 30 escudos, tomates a 10 tostões, a cebola era a 15 tostões e por aí fora. Mas mesmo assim regateava-se muito. Havia muita fome e muita miséria, achava-se tudo caro.

E agora?

— Agora muito mais, é tudo caro mas as pessoas compram sempre. Valia a pena vender se fosse nova, mas com esta idade estou boa é para estar em casa.

Mas lá vai continuando, D. Amélia, a marcar a sua presença enquanto a filha vai ao almoço. Foi por essa hora que a vimos e com ela falamos.

Também no Trabalho

**Noticiar...
desinformando**

Os portugueses têm assistido nos últimos dias, através da Televisão, àquilo a que se poderá chamar de tentativa desesperada de reabilitação de algumas forças políticas, cuja responsabilidade pela situação em que nos encontramos é por demais evidente.

Depois do fracasso que constituiu a política dos últimos governos, os responsáveis pela desfeita coligação «AD», conhecedores e executores exímios das técnicas de «marketing» e prospecção de mercado não hesitam em fazer «rolar» algumas «cabeças».

De facto, ao verificarem o descrédito em que caíram os seus principais dirigentes, lançam a confusão no seio dos seus partidos, enquanto, pelas portas traseiras, fazem sair, mascarados de «notáveis» e «ilustres», alguns elementos portadores de dossiers contendo os planos para resolução da crise.

A Televisão, inadvertidamente, sem reparar sequer que estávamos em período carnavalesco, acreditou que essa coisa de «ilustres» e «notáveis» era mesmo a sério. Daí o seu empenhamento para que os portugueses tomassem conhecimento, tão rápido quanto possível, das medidas preconizadas pelos «novos dirigentes» em questões como: desemprego, dívida externa, política de preços, etc.

É então que começa a verificar-se uma semelhança total nas propostas agora avançadas, com as executadas pelos últimos governos, e que no fundo contribuíram, entre outras coisas, para que o desemprego nos últimos anos aumentasse 133%; para que a dívida externa aumentasse 25 vezes; para que a dívida do Estado aumentasse 6,3 vezes, apesar de os impostos pagos pela população, terem aumentado 5,7 vezes.

Mas, apesar de tudo isto, a Televisão continua a acreditar nos fulanos. Segundo ela, o que deve ter havido é uma «TROJKA»... de dossiers — o que

seria natural, no meio de tanta manha confusão!...

SECTOR TEXTIL ATINGIDO

Quem parece não acreditar, mesmo nada, em tais medidas, são os trabalhadores têxteis. Isto porque, segundo um estudo baseado em dados recolhidos pelos vários sindicatos do sector congregados na Federação, o ano de 1982 ficou marcado pelo encerramento de dezenas de empresas, originando assim, o despedimento de milhares de trabalhadores.

Para que possamos avaliar a gravidade da situação, bastará referir alguns dos dados recolhidos.

Assim, em consequência do encerramento de 31 empresas, 2000 trabalhadores foram, muito recentemente, para o desemprego.

«Num conjunto de 6 empresas, 700 trabalhadores com contratos a prazo foram vítimas de despedimento; em duas empresas, vítimas de despedimentos colectivos, foram para a rua 40 trabalhadores; mais de 90 empresas, onde trabalham 16.000 trabalhadores, devem cerca de 520 mil contos de subsídios de férias, 13.º mês, salários e retroactivos; 30 empresas, que empregam 7.600 trabalhadores, poderão encerrar as suas portas devido às crescentes dificuldades económicas.»

Resta acrescentar que, ainda segundo o mesmo estudo, para além de «mais de 100 mil trabalhadores têxteis terem sido vítimas de desconto no 13.º mês, mercê da aplicação ilegal do acordo Sindetex-UGT, os cerca de 800 mil contos concedidos pelos organismos governamentais, não obedeceu a qualquer controle, quanto à sua aplicação, permitindo desta forma o seu desvio para diversos fins.»

Mas atenção, porque a Televisão continua atenta!... Ao que se passa no reino dos notáveis, claro!

CICLOMOTORES DE ESPINHO

ANTÓNIO F. DE SÁ ALVES

Armazém de acessórios para qualquer marca de motorizadas e bicicletas.

Motorizadas — Bicicletas — Acessórios

Av. 24 n.º 841 — Tel. 723800 — Apartado 107 — ESPINHO

**ALBUQUERQUE PINHO
FILOMENA MAIA GOMES**

— ADVOGADOS —

ESCRITÓRIOS:

R. Júlio Dinis, 778-4.º Dto.

Telef. 698704 4000 PORTO

Rua 19 n.º 343-1.º — Tel. 722964
4500 ESPINHO

SUPERMERCADO DO LAR DO PICOTO

Informa os seus estimados clientes que já possui as novas colecções de PAPEIS DE PAREDE, ALCATIFAS E LUSTRES para 1982/1983.

ORÇAMENTOS GRÁTIS

SEDE: Est. Nacional 1 Telef. 7643575 — PICOTO

FILIAL: Rua 62 N.º 227/231 Telef. 722986 — ESPINHO

PARA COMPRAR BOM CAFÉ

Casa ALVES RIBEIRO

Torrefactor de Café

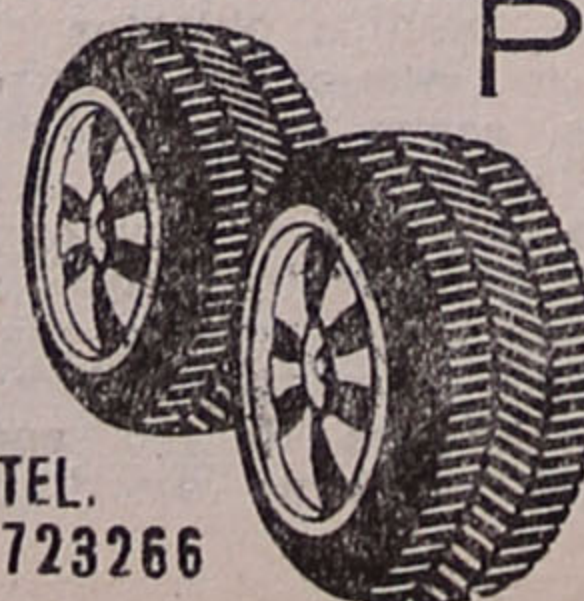
ESTABELECIMENTO DE VENDA AO PÚBLICO
RUA 19 N.º 294 ESPINHO

Rui Abrantes

ADVOGADO

Rua 18 n.º 582-1.º Esq.
Sala 3

Telef. 723811 — ESPINHO



PNEUS CAR

Centro de Vendas de Pneus Nacionais e Estrangeiros

Assistência Técnica
— Alinhamento de Direcções
— Vulcanização de Câmaras
— Equilíbrio de Rodas

R. 18 - 1010 (R. da Igreja) - ESPINHO

TEL.
723266

SUPLEMENTO DESPORTIVO

Mare Viva

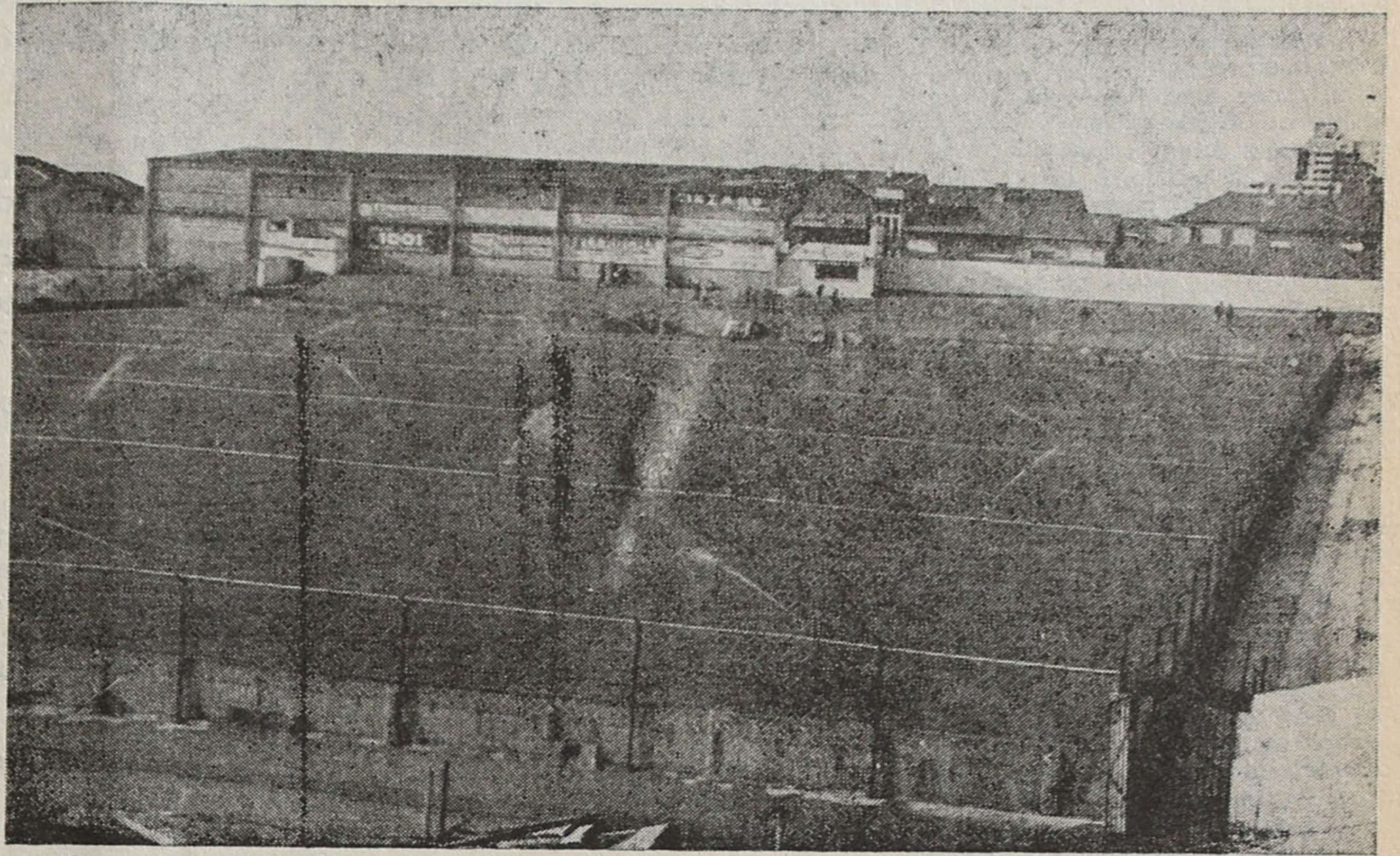
N.º 6
A B R I L
1983

RELVA DO AVENIDA ESTREIA NO DOMINGO

● TUDO COMEÇOU COM O CAMPO DO RAMADA

Página III

É já no próximo domingo, dia 10, que o SCE voltará a jogar no seu Campo da Avenida, já com tapete verde, após um longo e penoso «exílio» no Estádio Conde Dias Garcia, em S. João da Madeira. A propósito deste marco na vida do velho Sporting de Espinho, decidimos fazer uma breve história dos campos de futebol da maior colectividade desportiva espinhense. Do Campo do Ramada ao Avenida relvado...



Eng. Jorge Monteiro,
Presidente da A. A. E.:

"Vamos abrir as portas
ao desporto de manutenção" — Págs. II
e III

CAROLINO

«AS PESSOAS DEVIAM PREOCUPAR-SE
MENOS COM O APOCALIPSE»

«As pessoas são, não se dizem que são. Portanto, se sou treinador não me cabe dizer. Gosto de facto desta profissão, e é isto que quero» — Álvaro Carolino, o «manager» do Sporting de Espinho, um treinador da chamada nova geração.

Nasceu em Pinhal-Novo, Palmela, numa «pequena vila de ferroviários». Para ele o futebol não é passível de ser computadorizado, e o número de pontos de que o Espinho ainda necessita

MV — O Carolino-jogador teve o seu percurso profissional que o levou mesmo à internacionalização, era então jogador do Boavista...

AC — Bom, na minha infância o desporto a nível da escolaridade não existia, praticamente. As crianças auto exercitavam-se, ou no recreio, ou fora da escola, sempre em função

do meio onde viviam. Eu nasci em Pinhal-Novo, uma pequena vila de ferroviários, num ambiente muito rústico, muito romântico, com as árvores dos pinheirais, a caça aos ninhos...

Esta era a minha actividade lúdica, até que fui para o ensino secundário, em Setúbal, onde iniciei a prática desportiva já

continua na página IV

Francisco Camacho, do Brasil para o volei do Sp. de Espinho

Gorada a hipótese da vinda do paulista Djálma, por dificuldades com a sua situação militar, o Sp. Espinho não descurou a hipótese de reforçar a sua equipa de voleibol com um homem do Brasil e aqui já está entre nós o reforço esperado, desta vez personalizada por Francisco António Camacho, com 25 anos e 1,86 de altura e as desejadas qualidades técnicas já apreciadas em duas sessões de treino.

Francisco Camacho foi jogador do Fluminense e militava agora numa equipa de empresa, o que não significa um retrocesso na sua carreira. É esta neste momento a grande aposta do Brasil (vice-campeão mun-

continua na página IV

RESTAURANTE

O PADRINHO

SNACK-BAR

COLABORA COM O DESPORTO

Faça-nos uma visita
e aprecie
os deliciosos pratos

2.ª feira - Rancho à caçador

3.ª feira - Rojões à lavrador

4.ª feira - Tripas à moda do Porto

Domingo - Cozido à Portuguesa e bacalhau à Zé do Pipó

5.ª feira - Bacalhau à Braz

6.ª feira - Orelheira com feijão

Sábado - Chispe à transmontana



Ru. 24 n.º 697 - Tel. 720665

ESPINHO

O DESPORTO E OS CLUBES [5]

«DO VER E ESTAR NO DESPORTO»

O espectáculo desportivo encarado com um espírito crítico e participativo deve funcionar inevitavelmente como meio de valorização social e cultural de todos os intervenientes: atletas, dirigentes e assistentes. Ver e estar no desporto é tarefa que só se consegue cabalmente com o alargamento da cultura desportiva e uma visualização do desporto que permita que ele não seja encarado como mais um divertimento que procura alienar e desviar a atenção do real, mas sim como gerador dum contributo importante na formação do carácter e personalidade de cada um.

Como dizia René Mabeu. «Um certo intelectualismo contribui para lançar uma espécie de descrédito na vida física (como no trabalho manual) e as actividades desportivas surgem-nos deste modo como tempos perdidos em relação com os estudos. Pelo facto de o desporto não ser profundamente e seriamente integrado na escola muitas pessoas adquirem o hábito de o considerar, desde a infância como actividade marginal. Portador duma vocação estética e moral que ultrapassa largamente o domínio físico onde ele se exprime, o desporto deveria assegurar, pelo equilíbrio da personalidade e a formação do carácter, a defesa do homem numa civilização mecânica cada vez mais opressiva».

Seria interessante reflectir sobre o que se passa nas modalidades de grupo. Em jogos, as qualidades individuais de cada um, não mais lhe pertencem totalmente. Elas têm que ser postas ao serviço do grupo pois o objectivo é conseguir que a equipa alcance os melhores resultados, no fundo os fins que se propôs quando entrou em competição. Mas esta interdependência implica um espírito de grupo que só pode ser conseguido quando se vê no desporto um meio de valorização cultural e social. A subordinação do interesse, das qualidades individuais ao interesse colectivo é algo de importante para o bom funcionamento desta «pequena sociedade» que é uma equipa desportiva. Nesta perspectiva se pode ver o quanto a promoção de Homem pode ser feita pelo Desporto.

E a propósito virá certamente o que a seguir se transcreve, respigado num «Manifesto sobre o Desporto» da UNESCO no qual penso importante debruçarmo-nos.

«1. O Desporto, adaptado às necessidades e meios específicos do indivíduo, é forte de saúde e equilíbrio.

2. O Desporto encoraja o homem, fora das contingências quotidianas, a agir e a participar. Desenvolve o seu gosto de iniciativas e de responsabilidades.

3. O Desporto dá ao homem ocasião de se conhecer a si próprio, de se exprimir, de se desenvolver. Permite-lhe disciplinar a sua acção, aumentar a sua eficiência. Liberta-o de certas servidões do próprio corpo, revelando-lhe assim uma liberdade tantas vezes ignorada, «a liberdade física».

4. O Desporto factor de desenvolvimento individual, elemento indispensável da organização social, contribui para o progresso humano.» (1)

ENG. JORGE MONTEIRO

QUER FAZER RENASCER O ESPÍRITO ACADÉMICO

A Associação Académica de Espinho não atravessa um período fácil, mormente no aspecto financeiro. O modo algo abrupto como a anterior direcção «entregou as chaves» no fim do mandato, sem apresentar solução de continuidade, querera dizer isso e algo mais, as dificuldades que a Comissão de Gestão então formada encontrou para solucionar a crise dão a ideia de que, de facto, a oferta do lugar de presidente ou mesmo de director não era sugestiva.

Haveria certamente pessoas capazes e com mais tempo disponível do que eu, mas embora tendo a consciência disso, acabei por aceitar: em primeiro lugar porque o convite me foi dirigido pessoalmente pelo arquitecto Jerónimo Reis, depois porque devo reconhecer que gosto disto, de andar por aqui. Só pus como condições dispor de algum tempo para constituir a lista e analisar a situação do clube para definir objectivos.

Em relação à lista, houve a preocupação de fazer regressar ao clube elementos válidos que por uma ou outra razão se tinham afastado da AAE, quer integrando-os nos órgãos sociais, quer no Conselho Geral, quer ainda em duas comissões: a do Pavilhão, que tratará da sua manutenção e cobertura das dívidas que lhe respeitam, e a do campo do Hóquei em Campo, que desencadeará o processo

de aquisição dos terrenos. Pareceu-me um passo importante a dar, pois não se compreende que falando-se tanto de falta de gente, se possa prescindir de elementos que na AAE deixaram tradições de trabalho e dedicação.

Já quanto à análise da situação do clube, o objectivo não foi atingido: a análise financeira praticamente não foi feita e os contactos com as secções também não foram os que esperávamos.

Mas mesmo assim foi-se para a frente...

Apesar de alguma falta de informação foi possível definir os objectivos fundamentais que foram apresentados à Assembleia Geral. No aspecto financeiro prevemos despesas que ultrapassam ligeiramente os 3.000 contos, para uma receita ordinária de cerca de 2.000 contos, o que quer dizer que tere-

„mas o desporto ser encarado

Noutras circunstâncias, mais atraentes, talvez não faltassem candidatos, mas desta feita foi o Eng. Jorge Monteiro quem se dispôs a assumir as responsabilidades (e os riscos) de retomar o comando do clube. Conhecido o seu trabalho, quer como grande animador da secção de voleibol, quer como presidente da Direcção de 73 a 75, pode-se dizer que a Comissão de Gestão que o convidou acabou por ter êxito na sua missão de deixar a AAE em boas mãos.



«Não estamos preocupados em mostrar trabalho visível»

mos um défice de gestão de 1.000 contos, para além da dívida respeitante ao Pavilhão que está entre os 2.400 e 2.500 contos.

Teremos por isso de recorrer a meios diferenciados, nomeadamente o lançamento de rifas, de actividades de desporto-ma-

nutenção, de actividade sociais na sede e algumas iniciativas de carácter cultural.

E os objectivos no campo desportivo?

Nesse campo tentaremos reformular critérios

CORPOS GERENTES PASA 1983

ASSEMBLEIA GERAL		DIRECÇÃO	
Presidente	— Amadeu José de Melo Moraes	Presidente	— Jorge Nicolau da Costa Monteiro
Vice-Presidente	— Higinio Ramalho Mendes	Vice-Presidente	— Fernando Nery Alves Ferreira Neto
1.º Secretário	— António Ferreira Gaio	Vice-Presidente	— João Carlos Pereira da Costa Marques
2.º Secretário	— Carlos Pinheiro Moraes	1.º Tesoureiro	— Oscar Correia de Carvalho
		2.º Tesoureiro	— Augusto Cunha e Sousa
		Secretário	— Eduardo Bragança da Silva Pereira
		Vogal	— António Catarino de Araújo
		Vogal	— Álvaro de Carvalho e Sousa
		Vogal	— Carlos Rui Correia Costa Alves
		Vogal	— José Carlos Ferreira Leitão
		Vogal	— José António Paulino de Campos Teixeira
CONSELHO FISCAL			
Presidente	— Carlos Pinto Oliveira		
Secretário	— José Antonino dos Santos Beleza		
Relator	— Félix Pereira de Sá		

Nm mundo em que os conflitos cada vez mais se agudizam, o Homem cada vez se sente mais preso aos mecanismos duma sociedade profundamente mecanizada e industrializada que o tritura e absorve naquilo que de melhor ele poderia possuir: o liberdade de ser e estar. O Desporto pode funcionar como uma pausa neste redemoinho imenso feito de necessidades não satisfeitas, antagonismos e conflitos ao permitir uma competição saudável que libere o espírito e o projecte, ainda que por momentos, para uma dimensão mais humanizada que «crie e proteja ao mesmo tempo o indispensável equilíbrio físico e psíquico do Homem». (1)

(1) Extraído do boletim cultura e desporto n.º 1 MANIFESTO SOBRE O DESPORTO — UNESCO Mensagem de Philip Roes-Baker

GINÁSTICA - A. A. E. uma vez mais em evidência

Ao realizar-se, nos passados dias 26 e 27 de Março, o Campeonato Regional de 5.ª Categorias de Ginástica Desportiva e do Torneio Regional de Seniores de Ginástica Rítmica Desportiva, a AAE saiu mais uma vez dignificada com a participação dos seus ginastas. Para isso contribuíram os excelentes resultados obtidos em ambas as provas.

Assim Luís Corte Real e Cristina Corte Real, no Campeonato Regional de 5.ª Categorias, Ginástica Desportiva, obtiveram um destacado 3.º lugar na classificação Geral, competindo com ginastas do ditos «clubes fortes», como são o FC Porto, o

Boavista FC e o FC Gaia.

Quanto ao Torneio Regional Seniores de Ginástica Rítmica Desportiva, a ginasta da AAE Margarida Quarenta (detentora de um título Regional e de um título Nacional) veio a confirmar o seu favoritismo, vencendo o Torneio em posição destacada. Participaram nesta prova ginastas da AAE, do FC Gaia e do Desportivo da Póvoa.

Os bons resultados, é justo realçar, estão intimamente ligados o trabalho e a dedicação dos treinadores Miguel Sampaio e Alice Rocha; bem como o esforço de toda a Secção de Ginástica da AAE no trabalho que tem vindo a desenvolver

ao longo destes anos, um exemplo de amor e dedicação a uma prática desportiva tão elementar na formação do indivíduo.

A. G. do S. C. E.

aprova cotas suplementares

A «relva» do Avenida vai fazer estragos. É que a última A. G. do SCE aprovou cotas suplementares a pagar pelos sócios para os quatro jogos do presente campeonato.

VOLEIBOL — Taça de Portugal

Sp. Espinho, 3 Francisco Holanda, 0

já não pode como dantes”

de competição, organizar um centro médico que cubra todas as necessidades do clube, o desenvolvimento do desporto de manutenção que antes referi e a criação de ginástica de manutenção de orientação terapêutica, especialmente no campo das doenças de coluna.

Quanto às infraestruturas, vamos elaborar um plano de conservação do pavilhão, continuar o alar-

gamento e melhoria de instalações e arrancar com o campo de hóquei em campo e «courts» de ténis.

Finalmente, procuraremos a realização de actividades sociais e culturais na sede, que a levem a ser mais utilizada e desenvolvam o espírito académico.

Será que esse espírito académico se perdeu? A AAE é um clube diferente do de há dez anos?

Nem profissionalismo, nem «opção zero»

Já aqui temos escrito que o convencionado desporto-amador se encontra em Espinho numa encruzilhada. Ou permanece fiel ao espírito amador tradicional, e perde competitividade, ou entra pelos caminhos seguidos por outros clubes e arrisca-se à rotura financeira. Numa muito polémica A.G. da AAE, há uns três anos, o clube enveredou no hóquei em patins por uma posição de compromisso, a dos pequenos subsídios, que não parece ter tido muito sucesso. Que vai fazer a AAE?

O essencial será optar por uma solução que não comprometa o futuro do clube. Com esta condição a priori, haverá que reformular as actuais estruturas que não estão vocacionadas para o desporto competição. A questão está em dispor dos recursos financeiros para se poder avançar e para isso não bastam as receitas dos jogos.

O problema está ainda em análise na direcção, mas a título pessoal entendo que a curto prazo a AAE deverá encarar os seus atletas como amadores, mas tendo em atenção a necessidade de os recompensar do esforço que actualmente se pede a um atleta de competição de um certo nível: o regime de treinos é intenso, os cuidados de alimentação são maiores, até a privação no que respeita à ocupação dos tempos livres.

É uma posição intermédia entre a hipótese de enveredar pelo não-amadorismo de facto, que me parece prematura e perigosa para o clube (vejam-se os casos do Relógios Invicta e até do Valongo, que entraram em situações de autêntica rotura) e a posição oposta, de regres-

so total às origens, a que já chamamos de opção-zero, e que me parece um pouco desligada da realidade actual.

Em suma, penso que se deve actuar cautelosamente e retardar o mais possível a entrada da AAE no caminho dos subsídios chorudos.

Complementarmente, julgo que haverá que estabelecer um sério compromisso recíproco entre o clube e o atleta, o resurgir do espírito académico que possibilite um melhor relacionamento dentro do clube e uma maior eficácia dentro da competição.

Mas será isso suficiente para assegurar à AAE a permanência de atletas em que tanto investe no campo da formação?

A defesa dos clubes pequenos que investem na

«Acusação de elitismo já não tem justificação»

A actual massa associativa é, em número, suficiente para os projectos de estabilidade e crescimento da AAE?

Em termos de números, está dentro dos valores normais. Só que há muitos sócios por tradição, que estão afastados do clube e que só êxitos competitivos poderão fazer interessar. São estes estímulos que fazem com que as pessoas apareçam para trabalhar nas secções.

Mas pensamos que é possível aumentar o número de sócios e a sua participação através do nosso projecto de desporto manutenção, em que as instalações do clube serão abertas a grupos autóno-

O desaparecimento das actividades culturais contribuiu em parte para a diluição desse espírito académico, afectando muito a frequência da sede.

No aspecto desportivo, o clube também já não é o mesmo. Parece-me que se acentuou o espírito individualista das secções e o próprio conceito de desporto evoluiu. Dantes, embora o hóquei em patins já tivesse preocupações competitivas, era o desporto-recreio, o desporto-manutenção que dominava na AAE. Agora há muito mais uma preocupação de qualidade, mas isso é fenómeno geral no desporto nacional e temos que nos adaptar.

formação em relação aos clubes de maiores disponibilidades económicas chegou a estar consagrada num projecto que obrigava um atleta a fazer dois anos na equipa principal do seu clube de origem e que foi apresentado à Federação de Patinagem. No entanto, como só os clubes grandes apareceram, a proposta foi naturalmente derrotada. Enfim, talvez haja que tentar de novo, com este ou outro projecto similar.

Mas também me parece que esse problema não será tão grave se o atleta sentir que o clube é dele, e não duma direcção que «lá em cima» decide a seu bel-prazer. Aqui, na interligação, os seccionistas terão um papel muito importante a desempenhar e creio que se tudo for bem conduzido os interesses da AAE acabarão por ser salvaguardados.

mos que queiram praticar desporto e sejam enquadrados pela AAE. Claro que se pretende rentabilizar o pavilhão, que apesar de tudo de tudo tem horas utilizáveis, mas visa-se também solicitar um movimento de fora para dentro do clube por parte da população que pretende praticar desporto e não o pode fazer em regime de competição que exerce uma apertada selecção. O elitismo de que a AAE continua a ser acusada já teve a sua justificação, mas de há vários anos para cá que nada tem feito para merecer essa qualificação. Cabe-nos combater decididamente essa ideia.

Do "Campo do Ramada" ao Avenida relvado

Como se sabe, o SCE foi fundado em 11 de Novembro de 1914. Em termos de instalações desportivas, os primeiros anos de vida do clube foram extremamente penosos! Sem campo a que pudesse chamar-se, a equipa de futebol do Clube andou «Ó tio, ó tio!» durante longos anos quase a mendigar um campito onde os seus briosos jogadores pudessem dar largas ao seu maior ou menor jeito para o «pontapé na chinha»... Assim o Wembley espinhense começou por ser o Campo do Ramada, assim baptizado por ficar perto da serração do mesmo nome. Como terrenos alternativos, havia o Campo das Rolhas, no local onde hoje fica o Hospital Distrital e o Campo do Abel Campos, na rua 18. E assim iam «os gloriosos malucos das chuteiras» fazendo o gostinho ao pé!

Pouco tempo depois, em Junho de 1915, a Câmara Municipal cedeu, a título precário, o terreno destinado ao Parque João de Deus. Foi aí que «funcionou» o célebre Campo da Feira. O jogo inaugural foi com o Académico Foot-Ball Club do Porto, e já agora, registre-se a constituição dos «tigres»: João Lopes; Vitorino Godinho, Mário de Castro, Carlos Lopes, Alvaro Oliveira, Justino Cruz, João Brito, António Dias Lopes, Martinho Ribeiro e António Velez Carneiro. Estes os onze magníficos que inauguraram o Campo da Feira, a maioria dos quais, três anos volvidos, conquistaria a Taça de Honra da Associação de Futebol do Porto ao derrotar o Salgueiros, na final, por 4-2. Os anos foram passando, e o Campo da Feira continuava a ser o «Solar dos Tigres»... Sempre a título precário, bem entendido!

A 1.ª República expirava quando finalmente o Sporting de Espinho conseguiu o seu próprio Campo — o Campo da Avenida! Estava-se em 1926, e graças aos bons ofícios do então Presidente da Câmara, Dr. José Salvador, interpretando bem os desejos dos dirigentes da colectividade, o SCE conseguiu ter campo próprio! A propósito de tal acontecimento, citemos uma passagem do n.º

101 da «Gazeta de Espinho», de 7/3/1926:

«Finalmente, realiza-se hoje em Espinho, no novo Campo da Avenida, o primeiro jogo oficial. São adversários o SCE e o SC Bustelo. O novo campo que a boa vontade e energia da actual Direcção quasi tinham concluído, não se encontra ainda com todas as suas instalações prontadas e, portanto, não corresponde aos desejos daqueles que trabalharam de verdade». Mas onde é que já ouvimos isto?!

Acontece, porém, que o Bustelo primou pela ausência. Coisas... No entanto, a equipa que iria jogar era a seguinte: Alberto Valente; António Coelho, Américo Maganinho, José Lago, Joaquim Fernandes e Isaac Moreira; Abel Figueiredo, Napoleão Coelho, Artur Sebastião, António Rodrigues e Albérico Ruber. Aí começou a saga do Avenida, que poucos dias mais tarde seria cenário de um encontro amigável entre figuras conhecidas da terra, que terminaria com um empate a duas bolas. Estava-se no Carnaval, e o que mais interessava era a folia!

DESSES TEMPOS ATÉ A ACTUALIDADE...

muita coisa e muitos anos se passaram! Cinquenta e sete anos, para sermos mais precisos, sempre com o «velho» Avenida a servir de cenário a tardes gloriosas e a outras... para esquecer! Esse campo viu o seu Espinho a jogar da 3.ª à 1.ª divisão. Milhares de horas de futebol que, após o interregno sanjoanense, irão ser retomadas, debaixo do espectro da descida! Espectro que leva os actuais dirigentes a «forçarem» em questões de tempo, o regresso. É que nesta fase crítica do campeonato, o apoio da assistência é fundamental, apesar dos danos que o tapete verde irá, forçosamente, sofrer, por ser prematuramente pisado... Ainda sem bancada e, portanto, com toda a série de incómodos que desse facto advêm para boa parte dos associados! Mas, neste momento, a «palavra de ordem» é apoiar, em casa, o SCE para evitar a despromoção. Custe o que custar. Assim, o Avenida vai voltar a viver...

E a AAE terá estruturas para o enquadramento de todos esses novos praticantes? Não se arriscará a fazer um simples aluguer de instalações?

Esse risco pensamos que será ultrapassado se se conseguir que em cada um desses grupos existam elementos de ligação e de responsabilização perante o clube, a que podemos chamar de animadores, e que poderão até ser ganhos para trabalhos de maior empenhamento.

Isto quanto ao desporto de manutenção não orientado, já que permanecerá

como até aqui a ginástica de competição, que é orientada.

Trata-se de um projecto ambicioso, e que com certeza não será para um ano. Por isso, logo que esteja definido, pensamos em levar o assunto a Assembleia Geral para que futuras direcções possam ficar vinculadas à sua continuidade.

Os resultados não aparecerão imediatamente, mas nós não estamos muito preocupados em mostrar trabalho visível. Estamos sim interessados em dar passos seguros no sentido que nos parece mais correcto.

CAROLINO: "Não roubo às pessoas o direito de julgarem"

continuação da página 1
com uma certa orientação pedagógica.

Claro que o futebol como fenómeno social de há longas décadas me influenciou logo de começo, as bolas de papelão, as «trapeiras» e os primeiros chutos.

Aos treze anos entrei para o futebol federado com uma passagem fugaz (fiz quatro ou cinco jogos) no Pinhal-Novense. Depois fui para o Benfica, onde tive a aprendizagem do futebol, e por onde fiquei até aos deztoito anos, altura em que deixei o regime de semi-profissional (conciliando o futebol com os estudos) e passei a profissional do futebol.

Estive então no Peniche, Montijo, Boavista,...

MV — Onde foi internacional...

AC — ...Sim, onde fui internacional, e ainda no Académico de Coimbra.

MV — Depois veio o Carolino-treinador...

AC — Fiz um curso ainda como jogador e estreei-me como treinador-adjunto do Boa-

vista. Depois veio o assumir responsabilidades pelo Sp. de Espinho.

MV — Que tudo indica se irá traduzir por um contrato por mais duas épocas.

AC — Não, o que existe é um acordo verbal com os dirigentes do Espinho, o que muito prezo. De qualquer forma não vou fazer das palavras uma escravidão. Na verdade, o futebol tem as suas contingências e por motivos de resultados menos bons a minha presença à frente da equipa pode não ser a mais benéfica para o clube.

MV — Qual a opinião ou a imagem que o Carolino pensa que de si tem a massa associativa espinhense?

AC — Para mim o importante é que as pessoas considerem os treinadores que passaram ou ainda passarão por esta casa como sendo profissionais honestos. Todas as demais considerações são volúveis e não me preocupam grandemente. Estou capacitado das reacções que as pessoas eventualmente possam ter e que por vezes

traduzem o desconhecimento da vida interna de uma equipa. De qualquer forma penso que essa adjectivação não é mal intencionada.

Concretamente no que se refere à massa associativa do Sp. de Espinho, não estou desiludido, pois as pessoas têm-me dado a tranquilidade suficiente para eu desenvolver o meu trabalho sem pressões inibidoras.

MV — O Espinho, diz-se, é uma equipa que não sabe jogar ao ataque, e que nessas condições só o teria feito, em caso de vitória, uma única vez, precisamente contra o Marítimo.

AC — Não lhe digo que isso é verdade ou mentira. Felizmente que o futebol permite uma série de concepções e até mesmo de conjecturas. É aliás aí que reside a sua força, no facto de ele não ser passível de ser computadorizado: o que hoje surte efeito, não surte amanhã. Vou-lhe dar um exemplo. No jogo de Alcobaça o Espinho na primeira parte utilizou uma estrutura posicional que poderia ser apelidada de contra-ataque, o que não invalidou que chegasse ao intervalo

a perder por 3-0. Quando falo em estrutura, falo em algo de dinâmico, é assim que o entendo.

Na 2.ª parte utilizou uma estrutura quase suicida, na tentativa da recuperação... e não sofreu nenhum gol! O futebol tem disto...

Eu não roubo às pessoas o direito de fazerem os julgamentos que entenderem, desde que sejam a bem do futebol. Até acho benéfico. Agora a é que o Espinho tem um «líder» que se chama Alvaro Carolino e que tem de assumir as perspectivas que adoptar.

MV — Treinadores, uma classe... dois sindicatos...

AC — Os treinadores estão inseridos numa sociedade que deveria estar mais evoluída no sentido de uma Europa que por sua vez também deveria inserir-se num internacionalismo mais vasto que permitisse aos homens uma preocupação com o bem-estar e a evolução da sua espécie. Na verdade todas as questões têm como cerne uma filosofia de vida, em que os homens se deveriam preocupar menos com o «apocalypse».

Sinceramente que não vejo na existência de dois sindicatos grandes problemas, embora esteja convencido de que existem vantagens e desvantagens: se a concorrência permite uma certa dialéctica em que a antítese acaba por levar à síntese, por

outro lado é negativo, porque as pessoas se dividem. Surgem então situações ridículas, primárias e até selváticas. São no entanto excepções que confirmam a regra.

Outras coisas disse Alvaro Carolino, mais perguntas teríamos nós para lhe colocar. Mas tal como as vicissitudes do futebol são intermináveis, arriscar-nos-íamos a não mais «daqui sair». Por isso mesmo lhe colocámos a última questão, inevitável.

Quantos pontos para ficar na primeira divisão?

AC — Por norma a meta pontual das equipas em termos de média dos últimos campeonatos é de 25 pontos. Este ano poderá ser, mas poderá não ser. Qualquer das equipas da cauda só tem que perspectivar o final do campeonato jornada a jornada. É este o meu ponto de vista e aquilo que entendo que o Sp. de Espinho deverá fazer.

MV — Boa sorte

AC — E bem precisa é...

MARÇO — Esperanças em Abril

Estive longe de ser animador o balanço de Março no que se refere a resultados competitivos dos clubes espinhenses. O futebol é sempre barómetro e neste mês acusou «pressões» particularmente negativas, com a equipa a fazer um pontinho em oito possíveis e seis prováveis. O regresso ao Avenida transforma-se agora na grande esperança de que tudo se modifique.

No Voleibol, seniores masculinos e femininos entraram nos seus nacionais com o pé esquerdo, perdendo ambos em casa, enquanto do lado do andebol a equipa masculina continua sem ganhar e a feminina, em confronto, pela primeira vez com as principais equipas portuguesas, se pôde bater quase de igual para igual, alcançando resultados animadores.

Ao invés, a grande nota positiva do mês foi a bela recuperação da equipa principal de hóquei em patins da AAE, que foi subindo gradualmente na sua série no Nacional da II Divisão, e culminou com uma espectacular vitória sobre os Carvalhos, por 7-0, a sua qualificação para a disputa da subida ao escalão principal. Da gente nova, a presença dos juniores de hóquei no Nacional e as qualificações dos juniores, juvenis, iniciados do voleibol do SCE para as fases finais dos respectivos nacionais, são também notas positivas a registar, bem como as classes jovens do andebol.

CAMACHO:

«Acho que posso dar uma ajuda»

continuação da página 1

dial, recorde-se) que foi buscar às suas empresas mais fortes o apoio necessário para manter os seus melhores jogadores que, de outro modo, se escapavam para outras paragens, nomeadamente a Itália.

Mas como é que Francisco Camacho foi contactado? «Foi o sr. Teófilo que me viu actuar num Torneio de Volei patrocinado pelo

jornal «O Globo» e me falou na possibilidade de representar o SCE. E pronto! Aceitei, e cá estou...»

Foi chegar e... ver jogos de volei! Alguns do Torneio de Páscoa que se disputou no Colégio dos Carvalhos e um jogo do SCE com o Francisco de Holanda. Que ideia faz o Francisco Camacho do volei português e do SCE? «Pensava que o nível do voleibol português

era inferior aquilo que tenho visto. Penso que tem um bom nível. A equipa do Espinho, pois penso que é boa, mas tem certos momentos em que «dá pontos», pára. Acho que posso dar uma boa ajuda à equipa. Com muita força, iremos tentar chegar ao que queremos...»

Este o primeiro contacto com Francisco Camacho, o primeiro estrangeiro a representar o volei do SCE.

AGENDA PARA ABRIL

VOLEIBOL

CAMPEONATOS NACIONAIS

Prosseguem as fases finais dos campeonatos nacionais de seniores masculinos e femininos, e iniciam-se as fases finais de juniores, juvenis e iniciados, onde o SCE aparece como candidato em todas as categorias a um dos dois primeiros lugares que darão direito à presença nas respectivas «poules» finais das três competições.

DIA 9

Sen. Masc. — CDUL-SCE; Sen. Fem. — CDUL-SCE; Juv. Masc. — Vila Real-SCE; Inic. Masc. — Leixões-SCE; Jun. Masc. — SCE-Desp. Póvoa, às 18,30 h.

DIA 10

Sen. Masc. — ISEF-SCE; Sen. Fem. — Sporting-SCE.

DIA 15

Juv. Masc. — SCE-Carvalhos, às 21,00 h.

DIA 16

Sen. Masc. — SCE-Leixões, às 21,30 h.; Jun. Masc. — SCE-Académica de Coimbra, às 11,30 h.; Inic. Masc. — FC Porto-SCE.

DIA 17

Jun. Masc. — Vila Real-SCE.

DIA 23

Inic. Masc. — Ac. S. Mamede-SCE.

DIA 24

Juv. Masc. — Leixões-SCE; Inic. Masc. — SCE-Lamego, às 11,00 h.

DIA 1 DE MAIO

Jun. Masc. — SCE-Gueifões, às 11,00 h.; Juv. Masc. — Lamego-SCE; Sen. Fem. — SCE-Vit. Guimarães, 18,00 h.

DIA 7 DE MAIO

Sen. Masc. — Nacional de Ginástica-SCE; Sen. Fem. — Atlético-SCE.

DIA 8 DE MAIO

Sen. Masc. — Benfica-SCE; Sen. Fem. — Benfica-SCE.

ANDEBOL

DIA 9

Jun. F. — SCE-Gaia, 16 h.; Juv. F. — SCE-Vilanovense, 17.

DIA 10

Sen. F. — SCE-Madalenense, 11

h.; Inf. M. — SCE-Madalenense, 10 h.

DIA 16

Sen. F. — SCE-Amarante, 17 h.; Jun. M. — SCE-Académico, 16 h.; Inf. M. — SCE-Carvalhos, 15 h.

DIA 23

Sen. M. — SCE-Benfica, 21 h.; Jun. M. — SCE-Macieira, 17 h.; Juv. M. — SCE-Paroquial, 16h.

DIA 24

Sen. M. — SCE-Belenenses, 18 h.

DIA 30

Sen. M. — SCE-FC Porto, 21,30 h.; Sen. F. — SCE-Académico, 18 h.; Inf. M. — SCE-Gaia B, 15 h.

OSINOFIA A QUALIDADE DEVIDA
COZINHAS

ERA PRIMEIRO DE ABRIL...

O S. Pedro não foi abaixo

«Não pode ser! Eu devia ter sido informado...», disse alguém ligado aos meios arquitectónicos - urbanísticos da cidade. «Estes tipos nem respeitam os feriados» disse outro, sentindo ameaçada a paz modorrenta de sexta-feira santa por demolições barulhentas e bizarras. Houve mesmo quem se dispusesse a filmar tão inédito acontecimento das alturas panorâmicas de um edifício próximo; outros, mais humildes, limitaram-se a enfiar o rolo da ordem na máquina fotográfica para partirem à caça de um «documento histórico».

Apesar de tudo, a demolição do S. Pedro por meios ultrarápidos de eficácia comprovada nos Países do Mercado Comum não passou de uma inocente petta de primeiro de Abril. E dizemos apesar de tudo porque o destino incerto do edifício anda há muito tempo, a prometer um estranho fim. Sem helicópteros arremessantes, providos de engenhocas simplórias é certo; mas para dar lugar a algo de mais coerente com o consumo desenfreado de uma sociedade que, cada vez mais, se questiona a si própria.

APESAR DE TUDO...

Prostituição continua em Espinho

Quando em Julho do ano passado, em reportagem subordinada ao tema «Prostituição alastra na zona alta de Espinho», alertamos para um problema que não é novo e que julgamos não ter solução, pretendíamos, sim, alertar a quem de direito para aquilo que se estava a passar ali na avenida 24 próximo da rua 33 e que terminava nuns barracões existentes atrás da antiga Escola Industrial.

Os barracões com capacidade para albergar 23 pessoas alugados a 3.000\$00 cada, por mês, sem água, luz e WC, eram utilizados para práticas de prostituição. Para encurtarem o caminho os frequentadores atravessavam a escola para chegarem ao local mais depressa.

O caso foi relatado pelos jornais locais e mereceu a atenção das entidades responsáveis.

Na edição de 8 de Julho, relatamos nestas colunas o que na reunião camarária se passou e que precedeu a saída desse número.

A pedido da Câmara, o Centro de Saúde fez uma vistoria onde constatou que os barracões eram ilegais, albergando 23 pessoas, sem quaisquer con-

dições de habitabilidade.

Nessa reunião o caso gerou controvérsia. Enquanto que um vereador ao tempo manifestava-se pela demolição pura e simples, outro propunha que a Câmara deveria ir ao local para «in loco» se aperceber de tudo aquilo. Muito se falou sobre o caso. Nessa edição registamos algumas intervenções de vereadores das quais destacamos aqui uma da autoria do vereador a tempo inteiro: «mas é preciso saber se se tratam de inquilinos residentes? ou se estariam ali temporariamente? Serão turistas?».

Porém, a decisão foi tomada. Assim, o executivo deliberou que se deveria «notificar o proprietário para num prazo de um mês realojar os eventuais moradores (ou moradoras...), em número de 23, demolindo as barracas, sob pena de a Câmara Municipal tomar posse administrativa dos terrenos e construção».

Mais tarde, o assunto é levado à Assembleia Municipal, pela voz do deputado socialista Antenor Pereira, que em proposta de 8 pontos pede entre outras coisas que «não fosse

ligada a água e luz a tais construções.» Nessa altura, discutia-se na Assembleia Municipal o caso das casas clandestinas. Pedia, também, que «fosse dado conhecimento ao Tribunal, à PSP e à Polícia Judiciária, da existência do caso, na eventualidade de ali pararem alguns marginais.»

Passados que são oito meses de toda esta discussão e tomadas de posição sobre o caso a única medida realizada foi a restauração da vedação da Escola Industrial. No entanto, «referimo-nos a propósito nessa altura que se esperava que a medida fosse aplicada.» Porém, o calendário autárquico está ainda à espera que os 30 dias após a notificação se cumpram.

Embora, na avenida 24 não se verifique o movimento inusitado da época, o mesmo não se poderá dizer junto aos barracões, uma vez que a confusão permanece, segundo apuramos junto do local.

Depois de tanto barulho e alguma tinta gasta neste caso, queremos lembrar ao executivo camarário que as suas decisões devem ser cumpridas. Por outro lado, a Assembleia Municipal que existe para fiscalizar a acção do executivo se até ao momento não o fez, o que não cremos, tem esta oportunidade para levar à prática.

Estamos certos, que este problema não fica resolvido com a demolição dos barracos. Porém, registamos aqui este caso, longe de lhe podermos dar a terapêutica, uma vez que essa é da competência de quem de direito.

Julgamos, também, necessário lembrar às entidades competentes que tomam decisões e que têm obrigação de as fazer cumprir, que não esmoreçam sob pena de o poder que usufruem se perder.

Milton C. Pinho
Glória C. Rodrigues

SOLICITADORES

RUA 28 N.º 583 - R/C
TELEF. 720584

Vieira da Cruz

MÉDICO

CLÍNICA GERAL

Consultório:
Rua 31 n.º 321 - Tel. 724401
4500 ESPINHO

RAICA

PRONTO A VESTIR
INSTITUTO DE BELEZA

Rua 62 n.º 101 - Tel. 722896
ESPINHO

FERNANDO RODRIGUES LIMA

TRAVESSA DA RUA 5

TRASEIRAS DA GARAGEM SOUSA — TELEF. 721739

Distribuidor dos papeis COLOWALL com nova colecção acabada de sair, VIMURA PARETA, PARATI, etc.
Pavimentos para cozinhas e casa de banho; Alcatifas, etc.
ORÇAMENTOS GRÁTIS

NASCENTE EM ASSEMBLEIA GERAL

No próximo sábado, a partir das 17,30, terá lugar um acto importante para a vida da Cooperativa Nascente: a realização de uma Assembleia Geral para aprovação do relatório e contas respeitante a 1982.

Desnecessário se torna realçar o significado desta Assembleia, a realizar num momento da vida da Nascente em que o futuro aparece simultaneamente ameaçador e promissor; isto porque enquanto os problemas e as dificuldades várias persistem se vem assistindo a

um reforço do papel da Cooperativa e das suas secções.

E é para tomar conhecimento das realidades actuais da sua cooperativa que os associados deverão comparecer, intervindo assim activamente no destino da associação. Por isso, caro associado da Nascente, não esqueça: sábado, às 17,30, na sede da Nascente, a palavra pertence-lhe. Compareça, informe-se, intervenha e dê o seu contributo para que a Nascente se afirme cada vez mais!

Casa MARRETA

Pedro da Silva Lopes

Especializada em:
Arroz de marisco, Lulas, Enguias, Caldeiradas, Açorda de peixe, Bons vinhos
RUA 2 N.º 1355 — ESPINHO
TELEF. 720091

Antenor Pereira

AGÊNCIA DE CONTRIBUINTES
CONTABILIDADE E CONTENCIOSO
MEDIADOR DE SEGUROS

Rua da Fonte - Silvalde — Tel. 723489 — ESPINHO

CAN - CAN II

BOITE PIANO BAR
DISCOTECA

O seu ponto de encontro
Bastante requinte para que se sinta bem, durante o seu Drink.
Aberto de 2.ª a 6.ª feira, das 21 às 02 horas
e às 6.ª feiras das 21 às 03 horas.

RUA 18 N.º 615 — TELEF. 723442 — ESPINHO

MERCADO NOVO DIA

Domingos António, Lda.

Visite V. Ex.ª este estabelecimento e ficará nosso Cliente

Rua 18 n.º 1067

Telef. 722739

ESPINHO

Casa especializada em artigos para Noivas
Acompanhantes, Comunhões, Lingerie e Pré-Mamã

ESPOSABELA

Rua 12 n.º 589 — Telef. 724203 — ESPINHO

S. Paio de Oleiros

Unanimidade na A. F.

A última sessão da A. F., realizada em Março, decorreu sob o signo da cooperação, tendo todas as propostas nela apresentadas merecido a unanimidade da assembleia.

Após um breve período de «degelos» e de estudo recíproco dos «adversários» em presença, as várias propostas de alteração ou aditamento ao regimento anterior, quase todas da iniciativa da APU, mas algumas vezes melhoradas ou enriquecidas pelos elementos da AD e do PS, iam recolhendo o consenso unânime de todos.

Idêntica sintonia de votos ratificou o plano de actividades da Junta de Freguesia de 1983, que, aliás, já fora aprovado pela anterior A. F. e que prevê o asfaltamento ou alargamento de várias ruas, a construção de muros noutras, a reparação e tentativa de alargamento do cemitério e a construção (entretanto iniciada) de um abrigo para passageiros no lugar da Lapa. O plano inclui ainda a «conclusão da Casa da Cultura» — o que vem dar razão àque-

les que se insurgiram contra a sua inauguração prematura em período pre-eleitoral — e o «apoio ao M.A.S.S.P.O.», que o senhor Presidente da Junta não soube (ou não quis?) explicar em pormenor o que era, mas que, salvo erro, parece tratar-se do «Movimento Social de S. Paio de Oleiros, que terá já adquirido, com empréstimos e o apoio do denominado «grupo dos 28», um terreno situado junto à igreja paroquial.

Refira-se que a impressão causada aos presentes pelo mesmo Presidente da Junta não parece ter sido tão negativa como alguns esperariam, sobretudo porque não exibiu aquela arrogância que os oleirenses conheceram a outras personalidades congêneres. «Está mais próximo do povo» — ouvimos no final comentar (e comparar) e, com efeito, a sua simplicidade parece ter emprestado uma tonalidade diferente às intervenções dos «parlamentares» oleirenses, a maior parte deles — viu-se bem o esforço — também claramente apostados

no diálogo.

Pena foi que o mesmo Presidente, que prometeu não se poupar a esforços e fazer tudo o que estiver ao seu alcance para resolver os problemas da terra, tenha respondido, quando interpelado por moradores do lugar do Tojal sobre graves problemas de ordem ambiental (vazamento de fossas para a via pública e queima de pó de cortiça junto às habitações), que isso não era nada com ele.

É claro que a solução desses e doutros quaisquer problemas não dizem respeito apenas a ele, mas a todos os cidadãos interessados. Como presidente do Executivo, porém, não pode limitar-se ao cumprimento de um plano de actividades, mas tem o dever de encabeçar a luta de todos os oleirenses por uma vida melhor e uma terra mais próspera. Só assim será possível a verdadeira unanimidade, não a das palavras, que é ilusória; sim a de certos actos, concretos e corajosos, que transformam, para melhor, o mundo em que vivemos.

Concurso Literário do Centro
Livreiro da Nascente - 1982

Modalidade — POESIA (Não Estudantes)

Autor — João Carlos Lutas Craveiro Sousa — ALMADA

«LEMBRA-TE ABRIL»

*O soldado sonhava com a sua terra,
com a sua mulher, e queria voltar*

*Disseram-lhe que era um herói,
e que morria como um herói
com duas balas no peito*

Mas ele não queria ser herói

*O soldado sonhava com a sua terra,
com a sua mulher, e queria voltar*

O torturado caía de um lado para o outro da cela

*Ele lera Marx, e lembrava-se do profeta Isaías:
«O lobo e o cordeiro pastarão juntos»*

Ele acreditava, e o seu crime era acreditar

*Uma pancada forte demais no crâneo,
e não puderam fazer mais nada com ele*

*Deitaram-no para uma cova
e cobriram-no com terra e pedras*

E todos viram crescer o trigo negro da raiva

Lembra-te, Abril, dos que não voltaram

Lembra-te, Abril, dos que não tiveram cravos na boca

Onde estão os

representantes do povo?

Em plena campanha eleitoral, numa altura em que todos afirmam ser propriedade da verdade absoluta, em que a demagogia, a mentira e a especulação são armas eficazes para deturpar o esclarecimento de que tanta gente carece, muito mais agora em período de campanha eleitoral.

Como sempre o povo nestas alturas esquece com facilidade muitas situações duras que foi obrigado a suportar, para se deixarem influenciar por políticos profissionais, especialistas na arte de mentir. Fazem-nos crer que só eles sabem, que só eles têm a solução para os problemas e que a democracia é colocar o voto na urna e o resto é com eles.

Todo este sistema de coisas tem beneficiado principalmente aqueles que têm vivido do domínio e manipulação dos menos esclarecidos, dos caciques destas terras, «líderes políticos» desde os tempos do fascismo, responsáveis por tantas injustiças mesmo depois do 25 de Abril. Muitos desses senhores em Moselos tentam boicotar o

trabalho da Junta PS, acusando-os de incompetentes, espalhando boatos, impedindo o bom funcionamento dos órgãos autárquicos e atribuindo-o à responsabilidade da junta, etc. O facto é que esses senhores, defensores da exploração dos trabalhadores, do analfabetismo político e da alienação a todos os níveis, tentam desesperadamente e com os processos mais sujos recuperar terreno que perderam a favor de outros que se têm mostrado mais atentos às carências e apelos das populações.

As eleições de 25 de Abril vão ser decisivas na resposta das populações a este tipo de política. Ou o povo responde com firmeza contra todos estes processos mentirosos, ou então deixa-se enganar, cometendo um grave erro.

Na verdade acreditamos que o povo, ao contrário do que eles pensam, sabe o que quer e para onde ir. Sabe discernir onde está a mentira e onde está a verdade; onde estão os que dominam e onde estão os legítimos representantes do

teresses do povo, os que se propõem defender o progresso, a liberdade e a justiça.

O povo sabe o que quer.

MOSELOS

Noticiário do FAOJ

CLUBE DE LEITURA DA CASA DA
CULTURA DA JUVENTUDE DE AVEIRO

Destina-se a jovens do distrito que tenham gosto pela leitura. A inscrição fica condicionada ao pagamento de uma quota anual de 100\$00 à entrega de 2 fotografias tipo passe e o preenchimento de uma ficha de inscrição.

Os membros do CLUBE DE LEITURA usufruirão das seguintes regalias:

— Desconto de 10% na compra de livros, excepto no livro escolar;

— Recebimento do NOTICÁRIO mensal do FAOJ;

— Consulta de livros e revistas existentes na Biblioteca da Casa da Cultura da Juventude de Aveiro;

— Facilidade na participação em cursos de dinamização e animação sócio-cultural;

— Participação em ciclos sobre a vida e obra de escritores quando promovidos pelo Clube;

— Apoio na participação em Festivais, Encontros e Congressos Literários;

— Apoio na participação em concursos literários promovidos ou apoiados pelo FAOJ;

— Visitas guiadas a lugares histórico-culturais;

— Intercâmbio epistolar com outros membros do Clube de Leitura ou com jovens estrangeiros;

— Direito a receber gratuitamente todas as publicações e cadernos do FAOJ;

— Assistir a projecções de filmes, sobre a vida e obra de escritores quando promovidos pelo Clube;

— Apoio na concessão de Bolsas.

Quaisquer informações complementares poderão ser obtidas na Casa de Cultura da Juventude de Aveiro a funcionar nas instalações do FAOJ.

— X —

FESTIVAL INTERNACIONAL
DE JUVENTUDE

FESTIVAL INTERNACIONAL DE JUVENTUDE — Vai decorrer em Aberdeen (na Escócia), de 10 a 20 de Agosto do ano em curso, o Festival Internacional de Juventude. Nele podem participar grupos de jovens cuja actividade artística se relaciona com dança, coros, orquestras, ópera, jazz e ainda artes

plásticas. Os Grupos que pretendam participar terão de enviar previamente, e tão cedo quanto possível, cassetes ou vídeo-cassetes das suas actuações, para ser comprovada a sua qualidade artística. A Delegação Regional do FAOJ dará mais informações aos interessados.

CAFÉ * SNACK-BAR

GOLFINHO

Especialidade em Francesinhas

Rua 2 n.º 663 — ESPINHO

JOSÉ OLIVEIRA

SOLICITADOR

ESCRITÓRIO:

Rua 19 n.º 401 - 1.º
Telefone 720093
ESPINHO

O Recanto

ALBERTO JOSÉ PEREIRA REIS

Mobiliário Artístico
e Decorações

Rua 12 n.º 593 — ESPINHO
Telef. 723299

Rubi

Relojoaria — Ourivesaria

Ivo dos Santos Coelho

Rua 23 n.º 360 - Tel. 720592
ESPINHO

Agência Funerária de Espinho

DE

MARIA DE LURDES MONTEIRO DE OLIVEIRA
(DUARTE)

SERVIÇO PERMANENTE

COM SERVIÇOS PRESTADOS HÁ MAIS DE 20 ANOS.

TELEFONE A TODA A HORA 721358

Rua 11 n.º 545 — ESPINHO

ONDA SEM ESPUMA

Carta do Brasil

Há actos impensados que causam danos irreparáveis!

Tinha-me ocorrido esta frase pomposa e aponte-i-a na toalha de papel numa das mesas do Meireles.

Como todas as frases pomposas teve um triste destino, dado que, logo de seguida, lhe pousaram uma travessa de carne assada em cima. Lamentando a sorte da frase e entre o basket e a dita carne assada fui meditando sobre o assunto que me propuseram escrever.

Ou seja, um dos tais actos impensados que tem a vantagem de até agora ter sido apenas pensado. Refiro-me à geração de um magnífico posto de turismo que será dado à luz mais ou menos dentro do prazo previsto para partos normais.

Como eu, como Da Vinci e muitos outros será bastardo dado que os pais de tão magnífico rebento terão vergonha de o perfilhar e até o renegarão, porque quando lhes apetecer tomar um martini no fim de uma tarde de Verão e gozar os últimos raios de sol terão de o fazer na sombra das futuras esplanadas da Avenida, e talvez adormeçam sobre os louros, contando comboios.

Mas tenho a certeza que sentirão uma pontinha de piedade e até de remorso quando o virem fechado e abandonado ao frio e à chuva durante os 9 meses em que o nosso turismo hiberna.

É de uma lógica que dói, que todo o turista nacional, ou estrangeiro, para já não falar dos espinhenses (bem mas esses não contam para nada), prefere

ter uma esplanada como é o caso desta, com localização privilegiada na cidade, a ter uma colecção de cartazes sobre o Minho e o Algarve juntamente com meia dúzia de prospectos sobre o mesmo assunto que são enfiados no primeiro caixote de lixo existente durante o percurso até o café mais próximo que infelizmente não tem esplanada.

Creio que não faço revelação nenhuma quando digo que o «Onda» serve melhor tudo e todos como café restaurante de qualidade, com pratos típicos (e porque não marisqueira?), como pode e deveria ser e não como «tasco» que é, mais por culpa de modificações autorizadas do que por tendência natural.

Ora es estruturas básicas (sanitários, vestiários, etc.) para o dito restaurante de qualidade não me parecem nem são nenhuma obra irrealizáveis ou transcendentais.

Nem sempre o caminho mais curto é o mais fácil, e se o que se pretende é servir o «turista» e não só. É dotar o centro de Espinho com um restaurante em condições, e não mandar os potenciais clientes e «turistas» para a Cabana que é juntamente com o Onda o mais bem localizado restaurante de Espinho.

Creio pois que a Câmara deve pôr à exploração, a concurso, e pôr como uma das condições as ditas obras que assim não causarão a mínima despesa à Câmara e por seu lado será de interesse para o futuro explorador, que de certeza não quer manter o Onda nos mesmos moldes, mas sim aprovei-

tar-lhe todas as potencialidades.

Esta é a minha opinião que pode ser suspeita dado que frequento o Onda desde que ele abriu, mas de certeza que compartilham da minha opinião muitas dezenas de pessoas, mesmo aquelas que vão lá uma vez por acaso. Considerando que a presente Câmara é 99% democrata não creio que vá contra a opinião e os desejos de uma boas dezenas dos seus cidadãos.

Caso queirais uma lista de assinaturas, tenho a certeza que ela aparecerá e talvez vos surpreenda ver, entre elas, algumas assinaturas de vossos parentes próximos.

Já se passou muita vez sobre a opinião de quem nesta terra vive, para o melhor e para o pior, para que desta feita, pelo menos, não vos demos conhecimento dela (opinião).

Espero que a lógica e o bom senso prevaleçam e o dito posto de turismo seja o primeiro aborto feito pela vontade geral, com o apoio de todos que tiverem coragem para o declarar.

O meu lucro, o vosso, o da cidade é poder sentar-me tranqüilo ao sol, encher os pulmões de ar e ver o mar sem ser por entre meia dúzia de prédios ou por trás duma vidraça.

Só espero que os meus contemporâneos acordem da apatia em que costumam boiar e digam por o menos uma vez na vida aquilo que querem.

Caso queiram o posto de turismo, as minhas sinceras desculpas e condolências.

F. Cascais

«Nenhum dirigente comunista da América tem uma visão tão trágica e portentosa quanto Luís Carlos Prestes. Herói militar e político do Brasil, sua verdade e sua legenda ultrapassam há muito as restrições ideológicas. Ele se converteu em uma espécie de encarnação viva dos heróis antigos.» Pablo Neruda, «Confesso que vivi».)

Neste fim de tarde no Rio de Janeiro o calor é grande. Um velho de 83 anos, vestido com uma calça preta e uma camisa branca, em cima de uma «kombi», fala aos operários recém saídos da fábrica. Estamos em Novembro de 1982, mês de eleições. A voz do velho ganha volume e é ouvida em silêncio. É a voz de um homem digno, o homem que foi mais amado e odiado do Brasil, mas sempre respeitado. Nos olhos dos mais velhos há lágrimas e ternura. Perante eles está a lenda viva, Luís Carlos Prestes, «O Cavaleiro da Esperança».

Velho, cansado, mas não vencido, afastado do partido por divergências com os seus camaradas, a quem acusou de terem transformado o partido em partido reformista e não revolucionário, Luís Carlos Prestes volta às ruas, fazendo comícios.

Vejam, rapidamente a vida deste revolucionário.

Nasceu em 1898, seguiu a carreira militar, mas revoltado com a situação do país, em 1924, jovem capitão, subleva um batalhão no Rio Grande do Sul, indo ao encontro dos revoltosos paulistas. Perante a superioridade das forças do governo, Luís Carlos Prestes, com 1.200 homens, inicia uma marcha, que se tornará lendária. Percorre 25.000 quilómetros pelo interior do Brasil, lutando contra a natureza e contra os soldados do governo, até se ingressar na Bolívia em Fevereiro de 1927, com 620 sobreviventes. Com este fantástico feito, Prestes se transforma em líder militar e herói popular.

No exílio começa a estudar o marxismo-leninismo. Estuda e

trabalha, pois não abandona os seus homens. Da Bolívia passa à Argentina, Uruguai e em 1931 é convidado a trabalhar como engenheiro na União Soviética. Regressa ao Brasil em 1934, ficando na clandestinidade. Nesse mesmo ano entra no partido comunista e logo depois é eleito para o Comité Executivo do Comintern, ao lado de Stalin, Togliatti, Mao Tsé Tung, e outros.

É preso em 1936, juntamente com a sua mulher Olga, além judia que conhecera em Moscou. Olga seria entregue por Getúlio Vargas aos nazistas, morrendo numa câmara de gás na Alemanha. Com o fim da guerra, em 1945, sai da cadeia aos 47 anos e logo no ano seguinte é eleito senador. A liberdade dura pouco, já em 1947 o partido é posto fora da lei e Prestes, mais uma vez, volta para a clandestinidade, que só terminará em 1958. Em 1964, um golpe militar e lá vai mais uma vez Prestes para o exílio, do qual voltará em 1979, sendo recebido em triunfo por milhares de pessoas.

Como não admirar um homem assim (sem olhar a ideologia), que jamais se dobrou jamais transigiu contra as suas ideias, sempre integro?

O comício vai chegando ao fim, assim como a tarde quente de um dia de primavera carioca e ainda ressoam as últimas palavras do velho: — «Estou com 83 anos. Fui muito perseguido, combatido e estou recomeçando praticamente tudo de novo, mas recomeço percorrendo o mesmo caminho, ao lado do povo.»

* Furgão Volkswagen

São Paulo, 25/3/83
Abílio Augusto

As nossas ruas têm luz a menos !

Da nossa leitora M. G. Oliveira, recebemos a seguinte carta, que passamos a transcrever:

«Embora não tenha nascido em Espinho, cá vivo há cerca de quinze anos, por motivos de ordem profissional, quer da minha parte, quer da parte de meu marido. Por isso, penso já ter certa «autoridade» para me pronunciar sobre certos problemas que noto nesta terra que já considero minha, passe a imodéstia... Dentre esses problemas, proponho-me hoje falar sobre a semi-obscuridade

em que se encontra a maioria das artérias espinhenses. Há algumas em que é uma verdadeira aventura transitar de noite, pois mais parece estarmos no sertão brasileiro! E não me refiro a ruas de periferia. Senão veja-se o caso da rua 18, nomeadamente entre as ruas 19 e 62. Como tenho de por lá passar quase todas as noites, começo a encarar seriamente a necessidade de me passar a munir de uma lanterna, pelo menos para ver por onde ponho os pés... Passe o exagero! Numa altura em que, infeliz-

mente, a marginalidade impera e os assaltos são cada vez mais frequentes, mesmo em plena luz do dia, aqui faço o meu pedido aos senhores dos Serviços Municipalizados desta cidade no sentido de nos darem um pouco mais de segurança, a nós, pobres cidadãos que temos de andar a pé, à noite, pelas ruas da cidade. Façam, com a maior urgência possível, uma revisão à iluminação pública de Espinho!»

M. G. Oliveira — Espinho

A Nova de Espinho

TINTURARIA e LAVANDARIA
Lavados a seco com rapidez
Tintos em todas as cores
LUTOS RÁPIDOS em 24 h.
R. 22 n.º 495 - Tel. 721074
ESPINHO

Casa Travassos

Lembra-lhe que em tempo de austeridade a bicicleta é o seu transporte.
ANG. DAS RUAS 18 e 15
ESPINHO

NUNO A. PEREIRO

PSIQUIATRA
MÉDICO ESPECIALISTA
DOENÇAS NERVOSAS
CONSULTÓRIO: RUA 31 N.º 321
MARCAÇÕES — 18,30 H. — 21,30 H.
TELEFONE 720689 — ESPINHO

MODAS MENDES

LANIFÍCIOS
MODAS — CAMISARIA
R. 16 n.º 683 - Tel. 720168
ESPINHO

Agostinho Pedrosa

MÉDICO PEDIATRA
Marcação a partir das 15 horas
às 2.ª, 3.ª, 5.ª e 6.ª feira
Consultório — Rua 19, 343, Sala B
Telefone 722713 — ESPINHO
Residência — Brito - P. da Granja
Telefone 7620795 — V. N. GAIA

TABACARIA DO MERCADO

TABACOS - REVISTAS
JORNAIS - TOTOBOLA
Rua 23 (Mercado Municipal)
Telef. 722717 — ESPINHO

Pequeno exercício mental à cerca de uma postura de trânsito

Postura de trânsito, postura transitória ou postura a transitar algures nos meandros profíquos de algumas cabeças autárquicas?

Com um pouco de realidade, um pouco de imaginação e um pouco de coerência, eis uma antevisão do trágico destino a que estou condenado quando, ignorando a crise petrolífera, pegar no meu «duas-portas» utilitário e descer à cidade:

«Ó Sr. Guarda, eu queria ir em frente, mas agora está ali aquele sinalzito...»

«O seu veículo voa?»

«?!?»

«Estou a perguntar se o seu veículo voa!»

Nego, condescendente.

«Então, tem de virar à direita, depois seguir em frente e quando passar três sinais de estacionamento proibido, vira à esquerda. Depois, volta a virar à esquerda e está quase lá.»

Mas eu quero voltar para a parte-de-baixo-da-linha e, por aí, vou dar à passagem subterrânea...»

«Disse-me que o seu veículo não voava, mas não me disse que passava por passagens subterrâneas!»

Desisto e parto à aventura. Sinto-me o herdeiro espiritual dos portugueses que se lançaram à descoberta dos Índios, por mares nunca dantes navegados.

«PSSSTI Ó amigo, sabe como hei-de passar para a parte-de-baixo-da-linha?»

«Eu não sei, mas aquele senhor que vai ali no carro verde já anda há três dias à procura.»

Desisto, agora de vez. Pelo caminho encontro mais alguns infelizes que tentam desesperadamente chegar ao outro lado da linha: um vendedor de gelados motorizado, um carro funerário, dois táxis com convidados para a cerimónia da inauguração do aparthotel, o carro vassoura da Volta a Portugal em bicicleta e dois vereadores camarários no activo.

Para a próxima vez, vou a pé.

M. Santos — Anta

Muitos terão sido os Espinhenses que passaram pelas mãos do Professor António Augusto Domingues. Muitos lhe terão experimentado a rispidez,

nos momentos menos brilhantes da sua instrução primária. Mas quantos saberão ter sido ele um ilustre defensor da República

aquando da Traulitânia? Quantos saberão ter ele tentado organizar um contra-golpe no próprio 28 de Maio de 1926?

Professor Domingues:

"90 anos não faz toda a gente"

MV — Recentemente completou 90 anos. Como se sente com nove décadas?

AAD — Noventa anos não faz toda a gente. É uma bonita idade e sinto-me muito bem. Faço a minha vida de todos os dias sem quaisquer problemas. Agora, que estou reformado, vou regularmente à minha terra, tratar de umas propriedades que lá tenho, vou visitar as minhas filhas, que não moram cá, encontro-me todos os dias com os meus amigos, jogo a minha partida de dominó, etc... Como vê tenho uma vida bastante ocupada.

MV — Disse que vai à sua terra. De onde é natural?

AAD — Sou natural de Melgaço. Vim para Espinho em 1935, pois desejava vir para um sítio onde me fosse possível dar uma educação mais cuidada a minhas filhas. Nessa altura era professor em Arcos de Valdevez, juntamente com a minha mulher. Concorremos ambos para Espinho e aqui ficámos desde então.

MV — Foi, concerteza, professor de muitas gerações de Espinhenses?

AAD — Fui professor de muita gente. Alguns, passe a expressão, até já estão a ficar velhos. Fui professor, por exemplo, do Carlos Morais, que hoje escreve no *Maré Viva*, do Arq. Moreira da Costa, dei algumas lições ao seu irmão, e muitos outros, de quem, infelizmente, já não consigo lembrar-me.

MV — Onde começou a leccionar?

AAD — Inicialmente, dei

aulas na chamada Escola da Tourada, que funcionava num edifício que tinha nos baixos um armazém de vinhos e por cima duas salas de aulas. Posteriormente estive numa escola provisória e finalmente fui para o edifício actual da Escola n.º 2, a da Tourada.

MV — O Sr. Professor tinha fama de ser um pouco rispido...

AAD — Já me disseram que eu era um pouco áspero para com os alunos. Reconheço que esse era, de facto, um defeito que eu tinha, se é que se pode considerar um defeito. Como método pedagógico era péssimo, mas usava-o no interesse dos alunos e também porque eramos pressionados pelas inspecções e tínhamos de apresentar serviço e aquela era muitas vezes a única maneira.

MV — O Sr. Professor teve uma grande participação na vida democrática do País. Como foi?

AAD — Andava a concluir o meu curso quando fui chamado para a tropa. Estávamos em plena Guerra de 14-18. Como ainda me faltava um ano pedi um adiamento, que me foi concedido, e, findo o qual, me apresentei na tropa. Como eu tinha instrução fui colocado a fazer palestras aos soldados sobre o significado da República, sobre a Bandeira da República, sobre as diferenças entre o Regime Democrático Republicano e o regime monárquico, etc. Assim adquiri os meus princípios e formação democrática. Posteriormente, já oficial, saído da Escola de Oficiais Milicianos, participei numa espécie de revolta contra uma decisão do Sidónio Pais de não

enviar a minha Bateria para combater na Guerra, devido aos seus sentimentos germanófilos.

MV — Teve relações de amizade com alguns políticos da I República?

AAD — Não tive grandes relações com o mundo dos políticos. Conheci razoavelmente bem o Cunha Leal, o Alvaro de Castro e poucos mais. Conhecia de nome e de vista homens que muito admirava, como o Afonso Costa, o António José de Almeida e muitos outros.

MV — E como foi durante a Monarquia do Norte?

AAD — Eu estava em Castelo Branco quando eclodiu essa triste aventura que foi a Traulitânia. Quando correu a notícia de que tinha sido de novo proclamada a monarquia, tratei de organizar o meu regimento para a defesa da República. Acabei por ser preso por um destacamento do regimento de Metralhadoras, que me foi buscar de baionetas caladas... Fui para Elvas onde estive até que, em Lisboa,

foi dominada a primeira parte da insurreição. Veio para Elvas uma ordem de soltura para quantos lá estavam presos e fomos para Lisboa. Aí constituímos uma bateria e fomos para o Norte. Quem ia às peças eram os cadetes...

Quando já íamos em Coimbra já nem se cheiravam os monárquicos. Fomos até Famalicão, Guimarães e finalmente parámos nas Taipas onde ficámos dois meses, tendo deste modo terminado a Traulitânia. Findos estes episódios, fui licenciado da tropa.

MV — Veio depois o Estado Novo...

AAD — Nunca estive com o Estado Novo. No dia 28 de Maio de 1926 fui com um amigo a Valença, onde se encontrava o General Peres que era o Comandante da Região Militar de Braga. Ele tinha um grande prestígio e eu fui pôr à disposição dele o Regimento de Artilharia 5 de Viana do Castelo e também o de Infantaria, com os quais poderíamos fazer frente ao Gomes da Costa. Mas ele não quis e assim aquilo lá foi para a frente.

Enfim, resisti como pude. Já depois de estabelecida a situação era mais difícil resistir. Havia a Polícia Política que prendia as pessoas, eu sei lá. A minha actuação foi a de um resistente mas actuando de outras formas. Fui mesmo chamado ao quartel de Artilharia aqui de Espinho e tiveram lá uma conversa comigo em que me disseram que andava a conspirar!

MV — E agora?

AAD — Agora estamos a viver num regime democrático. Mesmo com todas as desavenças e desinteligências que por vezes se verificam sempre é melhor que antes do 25 de Abril. Agora há a Liberdade, pode falar-se sem medo, os homens são livres de trocarmos as suas ideias. Temos sempre a esperança de podermos levar o nosso País para um caminho melhor.

Aos noventa anos, o Professor Domingues continua lúcido, cheio de vitalidade e a saber bem o que quer: a Liberdade e ser capaz de contribuir para que o seu País siga num caminho melhor.

Assembleia Geral da Nascente

Realiza-se no próximo sábado, pelas 17,30 horas, na Sede da Cooperativa.
Compareça.



O «caso» do Bairro da Lomba, em Paramos, a que nos referimos na nossa última edição, está parcialmente resolvido. Pelo menos, no que respeita à antiga pretensão do Fundo de Fomento de Habitação em reservar algumas das casas pré-fabricadas do Bairro para retornados, e não para os paramenses atingidos pelos temporais de 1978. Efectivamente, tivemos conhecimento de que, por ofício recentemente chegado à CME, o FFH dá o dito por não dito anulando a «reserva de fogos oportunamente autorizada para o IARN».

Depois disto, uma coisa é certa: os 26 fogos do Bairro da Lomba serão, integralmente, para paramenses. Urge agora, o rápido andamento do processo, para que as casas sejam habitadas o mais depressa possível, antes que se degradem ainda mais.



PORTE PAGO



Câmara Municipal de
ESPINHO